

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



EXPOSIÇÃO “APEGO LONGO”

TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM PRODUÇÃO

Pedro Marques do Nascimento

Lisboa, Setembro/2022

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

EXPOSIÇÃO “APEGO LONGO”

Pedro Marques do Nascimento

Trabalho de Projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Produção, realizada sob a orientação científica de José Espada, Professor Adjunto, Diretor do Mestrado em Teatro – especialização em Design de Cena.

Lisboa, Setembro/2022

AGRADECIMENTOS

O caminho foi sinuoso, como eu gosto, porque mostra sempre a outra face da medalha. Entre muitas dúvidas e anseios lá cheguei à velocidade de cruzeiro, e onde queria chegar, mas acredito que seja por pouco tempo. Quero partir assim que puder. Este projeto não seria possível sem um variado leque de pessoas que acreditaram em mim e no processo.

Agradeço aos meus pais por serem verdadeiros exemplos de força, coragem e amor. Sempre me proporcionaram as melhores condições sociais possíveis para eu lutar pelos meus sonhos e objetivos. As mais bonitas palavras do alfabeto grego, cirílico, coreano entre outros tais nunca vão ser suficientes para vos agradecer.

Agradeço ao meu irmão Paulo Nascimento. Sem a existência do meu irmão mais velho creio que nunca me teria encontrado. Noutra vida, mesmo que seja tudo diferente, espero que pelo menos possas continuar a ser meu irmão.

Agradeço à minha avó Blandina à qual devo muito mesmo e caso alongue o porquê acaba-se o stock de lágrimas para o resto do ano. E dá-me jeito de vez em quando para aliviar a tensão.

Agradeço ao meu tio António Marques, por ser um visionário, uma referência a vários níveis e por ter acreditado sempre no sobrinho.

Agradeço à minha namorada e melhor amiga Leonor Lopes por toda a força, paciência, carinho e auxílio em todos os momentos e fraquezas: És uma pessoa fantástica, um exemplo que eu sigo na minha vida e é uma sorte partilhar a mesma contigo.

Agradeço ao Rodrigo Faria, Rui Estrela, Irene Pinto, Mariana Seide, Fábio Évora, António Brito Guterres, Presidente Paula Alves, Vogal da Juventude Ana Pacheco da União de Freguesias de Queluz - Belas e à Câmara Municipal de Sintra. Agradeço a cada um do “Kolectivo Artístico Unidigrazz”, aos Sêniore em Movimento, ao Nuno Justino, ao C.E.C.D. Mira Sintra, Hugo Gamenho e um grande agradecimento a cada artista que aceitou o desafio. Nunca me vou esquecer.

Por fim, e não menos importante agradeço o apoio e confiança do Professor José Espada e da Professora Andreia Carneiro. Muito obrigado a todos.

SINOPSE

Desenvolvido no âmbito do projeto final Mestrado em Teatro – Especialização em Produção na Escola Superior de Teatro e Cinema, este Relatório de Projeto dedica-se ao trabalho por mim realizado na conceção, organização, montagem e apresentação de uma Exposição intitulada “Apego Longo”. Esta exposição decorreu no mês de maio no Edifício Multiusos Cultural de Belas com o apoio do Espaço Comunitário do Pendão em Movimento, União de Freguesias de Queluz-Belas, Associação *The One Zion* e Câmara Municipal de Sintra. Este projeto pretendeu em traços gerais, desocultar novos protagonistas para colmatar uma certa tendência em ignorarmos as potencialidades humanas existentes na comunidade e de as deixarmos “fugir” para outras cidades e valorizar o espaço público e a criatividade existente. Este projeto surgiu do meu sentimento de pertença ao território de Queluz-Belas do qual sou habitante desde sempre, e, com o contributo de um grupo de artistas, foi possível a sua realização. Este projeto contou com a minha curadoria, organização e a vontade de mediar práticas artísticas e culturais na comunidade onde estou inserido.

Palavras-chave: comunidade, arte, cultura, artistas emergentes, território, democratização cultural, programação cultural, diversidade cultural, reflexão e partilha.

ABSTRAT

Developed under the scope of the final project Master's Degree in Theatre - Specialization in Production at the School of Theatre and Cinema, this document is the report of the exhibition "Long Attachment". This exhibition took place in May at the Belas Cultural Multipurpose Building with the support of the Pendão em Movimento Community Space, Queluz-Belas Parish Union, The One Zion Association and Sintra City Hall. In general terms, this project aimed to: uncover new protagonists to fill a certain tendency to ignore the potential in the community and let it "run away" to other cities and to value the public space and the existing creativity. The idea of the project arises from the feeling of belonging to the territory of Queluz-Belas in which I have always lived, and with the contribution of a group of artists it was possible to realize the project. It counted with my curatorship, organization and the will to mediate artistic and cultural practices in the community where I live.

Key words: community, art, culture, emerging artists, territory, cultural democratization, cultural programming, reflection and sharing.

ÍNDICE

Introdução.....6

Capítulo I – Projecto da Exposição

1.1 - “Apego Longo”.....9

1.1.1 – Música9

1.1.2 – Vídeo10

1.1.3 – Outros media e artista da freguesia.....10

1.1.4 – Local.....11

1.1.5 - Identificação de espaços culturais na Freguesia de Queluz e Belas.....12

1.6 - Pesquisa de parceiros e apoios.....12

1.1.7 - Identificação de recursos materiais.....12

1.1.8 - Criação de uma imagem e divulgação do projecto.....12

1.1.9 – Calendarização do projecto.....12

2. Estratégias no desenvolvimento e concretização da exposição

2.1 – Território e Espaço.....13

2.2- União de Freguesias de Queluz e Belas.....14

2.2.1 - Panorama Cultural da Freguesia.....16

2.2 - Identificação de espaços culturais na Freguesia de Queluz e Belas.....19

2.3– Pesquisa de parceiros e apoios.....20

2.4 – Identificação de recursos materiais.....22

2.5 – Criação de uma imagem e divulgação do projeto.....23

Capítulo II - Execução do Projecto

1.1 – Artistas participantes e respetivas obras artísticas.....27

1.2 - Outras intervenções artísticas.....	31
1.3 – Recursos materiais utilizados.....	33
1.4 - Programação paralela à exposição.....	35
1.5 – Registos da exposição.....	39

Capítulo III – Considerações acerca da exposição

1.Fragilidades, lacunas e pontos a melhorar (Datas, Horário, Acessibilidade, Divulgação e Direitos de Autor)

1.1. Datas e Horários da Exposição.....	41
1.2. Acessibilidade.....	41
1.3. Divulgação.....	42
1.4. Direitos de Autor.....	43
2. Pontos positivos e enriquecedores.....	44
2.1.Outros aspetos.....	46
3.Metodologias de recolha e tratamento de informação.....	47

CAPÍTULO IV - Plano de Conteúdos

1.1 - Organizações culturais	48
2.- O papel de um mediador artístico e programador cultural.....	51
3. - Fruição Cultural	
3.1 – Consumo Cultura e Acessibilidade.....	57
4. – Espectadores “Zapping”.....	59
5.- Artistas Emergentes.....	61
Conclusão.....	63
Referências.....	64

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

Capítulo I - Exposição “Apego Longo”, 4 a 16 de maio de 2022

Figura 1.- *MoodBoard* da Exposição – Apego Longo, 2022.....11

Capítulo II - Estratégias no desenvolvimento e concretização da exposição

Figura 2. - Gráfico com os dados do Terriório de Belas.....15

Figura 3. - Gráfico com os dados do Terriório de Queluz15

Figura 4. - Esboços durante a criação da imagem do projecto.....24

Figura 5. - Cartazes da exposição.....25

Figura. 6 - Imagens de divulgação.....26

Figura. 7 – Tabela de recursos dos materiais utilizados.....33

Figura. 8 – À conversa com Nuno Justino.....35

Figura. 9 – À conversa com o “Kolectivo Artístico Unidigrazz.....36

Figura. 10 – Manta comunitária “Linhas em Movimento.....37

Figura. 11 – “Uma Vida Só Não Chega”, de António Brito Guterre.....38

Figura. 12 – *Playlist* “Apego Longo pela Música”.....46

Figura. 13 - Tabela de metodologias.....47

INTRODUÇÃO

O presente relatório de projeto, realizado no âmbito do trabalho final de Mestrado em Teatro – Especialização em Produção na Escola Superior de Teatro e Cinema, sob a orientação do Professor José Espada e coorientação da Professora Andreia Carneiro, resultou numa Exposição intitulada de “Apego Longo”, apresentada nos dias 4 a 16 de maio no Edifício Multiusos Cultural de Belas.

Esta exposição partiu da vontade de constituir e dar visibilidade a um pequeno, mas representativo conjunto de obras artísticas produzidas na comunidade de Queluz e Belas, e teve também como objetivos:

- Desocultar protagonistas de diferentes formas de arte;
- Contribuir para o fortalecimento e reinvenção da identidade artística da comunidade;
- Suscitar o interesse e aproximar a comunidade de práticas artísticas e culturais;
- Valorizar o espaço público e a criatividade existente, nomeadamente a dos mais jovens.

Através de variadas pesquisas, fui encontrando e selecionando diferentes objetos artísticos quer de artistas emergentes quer de outros mais estabelecidos, com ligação ao território em questão. Deste levantamento artístico e cultural da freguesia, surgiu, assim, a oportunidade de apresentar os elementos recolhidos numa espécie de acervo artístico.

Ao longo destas pesquisas, interessaram-me também as programações dos equipamentos culturais na freguesia, tanto antigas como recentes. Creio que as iniciativas aí encontradas ainda estão distantes de serem harmoniosas, estimulantes e regulares para os jovens da comunidade. Existem iniciativas para crianças e pessoas com idade mais avançada, mas, no caso dos jovens, considero que estes são pouco representados. Uma situação que, do meu ponto de vista, faz com que grande parte das vezes os jovens se vejam obrigados a deslocar-se ao centro das grandes cidades para encontrar propostas culturais do seu interesse, ou terem oportunidades para se apresentarem enquanto artistas. Por esta razão, entendi dar atenção à atividade artística dos mais jovens.

O projeto teve lugar no Edifício Multiusos Cultural de Belas, o qual foi inaugurado em fevereiro de 2022, e proporcionou, a grande parte dos artistas envolvidos, a oportunidade de apresentarem os seus trabalhos pela primeira vez.

No primeiro capítulo deste documento começo por descrever o projeto da exposição. Primeiramente, expondo as minhas motivações, também a partir das minhas próprias vivências no território de Queluz e Belas as quais despoletaram a vontade de concretizar o projeto e o interesse em valorizar os jovens da comunidade na área cultural. Também refiro as características gerais da exposição, bem como meios e processos para a realização da mesma, como, por exemplo, a pesquisa de elementos e objetos artísticos com ligação à freguesia; procurar parceiros e apoios; reunir recursos materiais; e, por fim, a criação de uma imagem e formas de divulgação do projeto. Ainda neste capítulo, descrevo estratégias aplicadas no desenvolvimento e concretização da exposição, tais como uma caracterização do contexto sociocultural e, através da análise de alguns dados estatísticos, uma reflexão sobre o panorama cultural da freguesia de Queluz e Belas.

No segundo capítulo, apresento a execução do projeto. Inicialmente, refiro os artistas participantes e respetivas obras, a criação de uma programação paralela à exposição e, coloco ainda diversos registos da exposição como suporte para se compreender melhor visualmente a intervenção feita no espaço.

Ao longo do terceiro capítulo faço algumas considerações acerca da exposição. Apresento as fragilidades, lacunas e pontos a melhorar, tais como: as datas e horários da exposição, a acessibilidade, a divulgação e questões relacionadas com direitos de autor. Apresento também os pontos positivos e enriquecedores, como o contributo de diferentes participantes, a diversidade cultural e artística e o trabalho com a comunidade.

O quarto capítulo é inteiramente dedicado ao plano de conteúdos, no qual começo por abordar as Organizações Culturais e a sua importância para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais. Abordo o papel de um mediador artístico e programador cultural, recorrendo a diferentes autores e obras abordadas em aula. De seguida, abordo o tema da fruição cultural com um breve enquadramento histórico e, conseqüentemente, o consumo e a acessibilidade cultural. Por fim, trato a

realidade dos espectadores “Zapping”, e que fatores contribuem para esse fenómeno, terminando o capítulo referindo-me aos artistas emergentes.

Para terminar, e uma vez que o foco da exposição foi um território e particular - Queluz – Belas, acredito que este possa ser um projeto replicado noutros locais do território nacional, alcançando outras comunidades e públicos e ser um exemplo para os demais acreditarem no potencial dos seus locais de origem e criarem oportunidades para futuros artistas e profissionais da cultura.

CAPÍTULO I

1. Projeto da Exposição

1.1 - “APEGO LONGO”

“Apego Longo” é uma referência à Quinta do Pego Longo, um local perto da minha residência na freguesia Queluz e Belas e também é o nome da escola básica que eu frequentei. Através da janela do meu quarto, à qual recorro diversas vezes para refletir, vejo esta localidade em questão. Surge assim a junção da palavra “apego” ao nome da Quinta do Pego Longo, forma que sintetiza a minha empatia pelo local e reflete esta minha vontade de mediar práticas artísticas e culturais na comunidade onde estou inserido. Tal como já referi, a ideia do projeto surge a partir deste sentimento de pertença e também de crer que os jovens, normalmente, são bastante descredibilizados no que toca às suas considerações sobre determinados assuntos, desvalorizados em relação às suas convicções e ambições sobre o seu próprio futuro e o país. Do meu ponto de vista, muitos destes cidadãos, alguns jovens artistas, continuam a ser fundamentais para abrir caminhos, fazendo o que realmente sentem, artisticamente, e não só. Através do seu percurso, abrem terreno para os demais, e contribuem bastante para o fortalecimento e reinvenção da identidade artística da nossa cultura nacional.

A partir de uma pesquisa efetuada recorrendo maioritariamente a meios digitais, decidi fazer uma seleção prévia das seguintes formas artísticas:

1.1.1 - Música - Ao longo da pesquisa e da recolha, acabei por reconhecer uma composição de artistas de diferentes décadas com ligação a Queluz com abordagens concretizadas através da voz e do instrumento. Algo que me fui apercebendo e que considero bastante interessante é que, no século XX surgiram na freguesia em causa bandas ligadas ao movimento *Punk* e, após a viragem para o século XXI, o movimento *Hip-Hop* começa a ganhar força, o que também se vai fomentando em Queluz e Belas.

Apesar destas vertentes musicais serem díspares na sua sonoridade, considero que nos diferentes registos existem pontes entre a juventude, subcultura e inconformismo. São elementos intrínsecos nestes movimentos, nos quais jovens começam a desenvolver os seus projectos com poucas bases de ensino e escassos

materiais técnicos, ou seja, há uma aprendizagem autodidata, muito assente na descoberta, na partilha e na tentativa e erro.

Normalmente, estas vertentes musicais são marginalizadas e a sua legitimidade é colocada em causa, porque criticam e colocam o “dedo na ferida” a variadas situações que corroem a sociedade onde estão inseridos. Assuntos questionáveis como a corrupção, abuso policial, racismo, falta de oportunidades em Portugal, são algumas das situações tratadas que se podem escutar nestes projectos musicais. São palavras de quem não se conforma com a existência destas desigualdades e luta por mudanças.

Estas vertentes musicais a que me refiro, têm origem noutros países ocidentais, nomeadamente, Estados Unidos da América e Inglaterra, mas através da escassa informação que ia chegando, por vezes, a Portugal, no final do século XX e início do século XXI, foi o suficiente para despertar mentes, saberes e inspirar muitos a criarem as suas próprias obras até aos dias de hoje.

1.1.2 - Vídeo – Considerei interessante selecionar vídeos, porque fui encontrando diversas capturas de momentos e imagens baseadas na freguesia de Queluz e Belas através de diferentes olhares e saberes. São registos, alguns com mais de uma década de existência, mas dos quais conseguimos apreender como era a nossa cidade antigamente. Interessa-me o facto de os registos videográficos conseguirem de alguma forma perpetuar a nossa memória coletiva da freguesia.

1.1.3 - Outros media e artistas de Queluz - Após a pesquisa e recolha de trabalhos ligados ao vídeo e à música, foi tempo de identificar artistas que trabalhassem com outras abordagens e media na freguesia de Queluz e Belas. Primeiramente, identifiquei cinco artistas convidados a participar na exposição, mas o mais surpreendente é, que, como consequência de alguns dos meios de divulgação do projeto, foram surgindo outros interessados em participar na exposição – este é um ponto que irei descrever mais adiante no documento.

Assumi-se a necessidade de, juntamente com os parceiros do projeto, criar mais momentos de chamariz para atrair público a visitar o espaço. Foi então pensado organizar um ciclo de conversas, entrevistas, debates e apresentação de projetos numa programação paralela à exposição.

1.1.4 - Local - A ideia inicial para o projeto começou por uma intervenção nos estendais dos prédios da Quinta do Mirante, na freguesia de Queluz e Belas, no concelho de Sintra. Trata-se de uma urbanização que sempre considerei peculiar, pela sua arquitectura, e despertou em mim diversas possibilidades de intervenção no espaço. Ocorreu-me a possibilidade de uma galeria de arte a céu aberto inspirada noutras incitativas deste cariz, mas baseada nos estendais, ao invés de fachadas de prédios ou murais em paredes. No entanto, pelo seu carácter efémero, poderia ser pouco viável e de difícil implementação, nomeadamente em termos de segurança. O carácter efémero da exposição poderia não ter a repercussão desejada na comunidade e, por isso, considerei necessário estudar outras hipóteses mais seguras e viáveis, nomeadamente, num espaço interior.

A imagem seguinte é um *moodboard*, desenhado à mão, que ilustra a forma como idealizei a disposição das obras seleccionadas. Assim, parti para a possibilidade de encontrar um espaço interior que colmatasse as dificuldades referidas anteriormente e, que refletisse a proposta de intervenção original. Tudo acabou por acontecer de uma forma completamente diferente do que está na imagem, mas foi tudo adaptado às condições reunidas e aos materiais disponíveis, algo que se verificará ao longo do segundo capítulo.

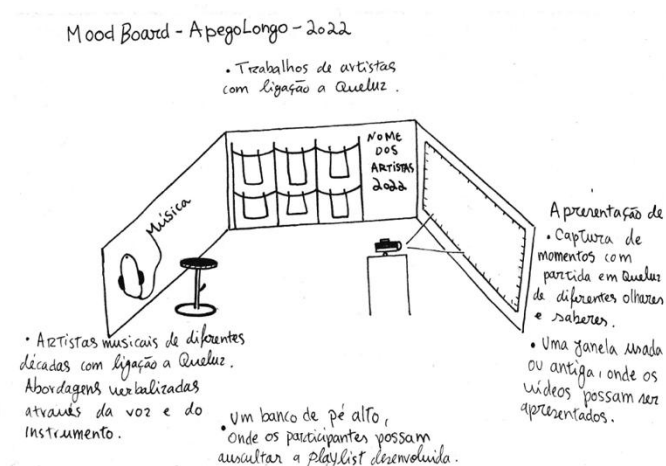


Fig 1.- MoodBoard da Exposição – Apego Longo, 2022

1.1.5 - Identificação de espaços culturais na Freguesia de Queluz e Belas – Sendo habitante da freguesia e, também em virtude de algumas pesquisas realizadas,

identifiquei de antemão locais com tradição em acolher propostas culturais, que iria ter contacto para verificar a possibilidade de acolhimento do projeto.

1.1.6 - Pesquisa de parceiros e apoios – Tendo a ambição de realizar um projeto na freguesia onde resido, era indispensável envolver entidades e pessoas da comunidade, para ser um trabalho desenvolvido coletivamente.

1.1.7 - Identificação de recursos materiais – Sou apologista da reutilização de materiais e trabalhar com o que nos rodeia. Este projeto não poderia ser exceção, no sentido de incluir o máximo de materiais disponíveis através dos parceiros e participantes da iniciativa.

1.1.8 - Criação de uma imagem e divulgação do projeto –Fui experimentado diversas abordagens até chegar a uma apresentação final, de maneira a ser o mais esclarecedor possível, utilizando uma linguagem e elementos que serão explicados mais adiante no relatório. Por fim, o objetivo era que o cartaz fosse divulgado no máximo de locais do interesse dos pilares do projeto e do seu público-alvo.

1.1.9 – Calendarização do projeto

O mês de abril e o mês de maio contém datas fundamentais para a liberdade individual e coletiva do nosso país. O mês de maio de 1969 assinala a crise estudantil, um dos primeiros sinais de resistência ao antigo regime. Foi um dos momentos que antecipou o 25 de abril de 1974. Ter a oportunidade de estruturar um projeto de teor artístico, com a intenção de mobilizar a comunidade, transmitir que a arte é uma ferramenta de progresso social e assinalar a falta de representatividade, só é possível devido a estes acontecimentos.

- **Fevereiro** – Identificação de necessidades e urgências no território; caracterização do contexto sociocultural; identificação de recursos materiais necessários; identificação de espaços para a realização da atividade na freguesia de Queluz e Belas, ou ao longo do concelho de Sintra; identificação de parceiros e apoios; identificação de artistas e criação de uma programação.
- **Março** – Contatos com a autarquia vigente, apresentação aos parceiros e participantes do teor da proposta e objetivos da mesma.

- **Abril** – Criação de uma imagem e divulgação do projeto; visita técnica e preparação do espaço; recolha dos elementos necessários para a concretização da exposição.
- **Mai** – Apresentação do projeto, durante os dias 4 a 16 de maio de 2022 no Edifício Multiusos Cultural de Belas. Conversas, debates e entrevistas com diversos convidados durante a programação desenvolvida para a segunda semana da exposição; desmontagem da exposição no dia 17 de maio, um dia após a data definida para o encerramento das portas ao público.

2. Estratégias no desenvolvimento e concretização da exposição

2.1 – Território e Espaço

Inicialmente, apresento o conceito de território e a sua diferenciação do conceito de espaço, de acordo com o autor Claude Raffestin. De seguida, apresento uma breve caracterização do contexto sociocultural e, através dos dados estatísticos e a relação com o panorama cultural, partilho as minhas considerações também como habitante da freguesia.

O território é um espaço delimitado através de fronteiras que não são naturais, mas sim através de fronteiras políticas e administrativas. O homem realiza uma atribuição simbólica aos espaços, o que origina os territórios. A forma como usamos o espaço está muito dependente do poder que temos para nos podermos movimentar dentro desse espaço. Diversos elementos que pertencem a um território são: o comportamento humano, a apropriação dos espaços ocupados pelos grupos humanos e a criação de regras e relações entre elementos físicos, humanos e simbólicos.

O termo território vem do latim que, por sua vez, deriva de terra e significa pedaço de terra apropriado. Espaço e território são noções distintas. Segundo, Raffestin 1993, o espaço representa um nível elevado de abstração, enquanto território é o espaço apropriado por um ator, sendo definido e delimitado por e a partir de relações de poder, em suas múltiplas dimensões.

Considero pertinente esta abordagem acerca do território, porque é necessário compreender que a dimensão deste conceito envolve muitos outros tais como a identidade, a globalização, o património e a cultura. Não se trata de algo “estanque” e

está sempre a sofrer diversas transformações. O comportamento humano é um dos exemplos dessas mudanças no território, sejam elas benéficas ou prejudiciais. Transformações benéficas no desenvolvimento de melhores condições sociais para a população, ou prejudiciais, por exemplo, na construção de habitação desalinhada e inconsciente sobre o impacto ambiental.

2.2 União de Freguesias de Queluz e Belas

Em 2013, já depois do último recenseamento (Censos 2011), a Vila de Belas deixou de ser independente e implementou-se a União de Freguesias Queluz - Belas. Uma situação que ocorreu em diversas partes do território nacional e que, neste caso, deixam alguns habitantes mais antigos divididos, de acordo com alguns testemunhos que passaram na visita à exposição.

Uma vila com locais ilustres e pouco conhecidos pelo grande público, como a Quinta Nova da Assunção, o Paço Real de Belas ou Quinta do Senhor da Serra, são exemplos da imensa historicidade existente. Estes locais em Belas vão antecipando o que se pode encontrar a caminho da vila de Sintra.

Mediante os dados estatísticos registados nos Censos 2011 pelo INE – Instituto Nacional de Estatística, o território de Belas apresenta 26087 habitantes, sendo que 7,7% desta população é analfabeta e 12,11% desempregada. É também possível compreender que em Belas existem 2536 habitantes com idades entre os 15 e os 24 anos e também 1673 com 65 anos ou mais.

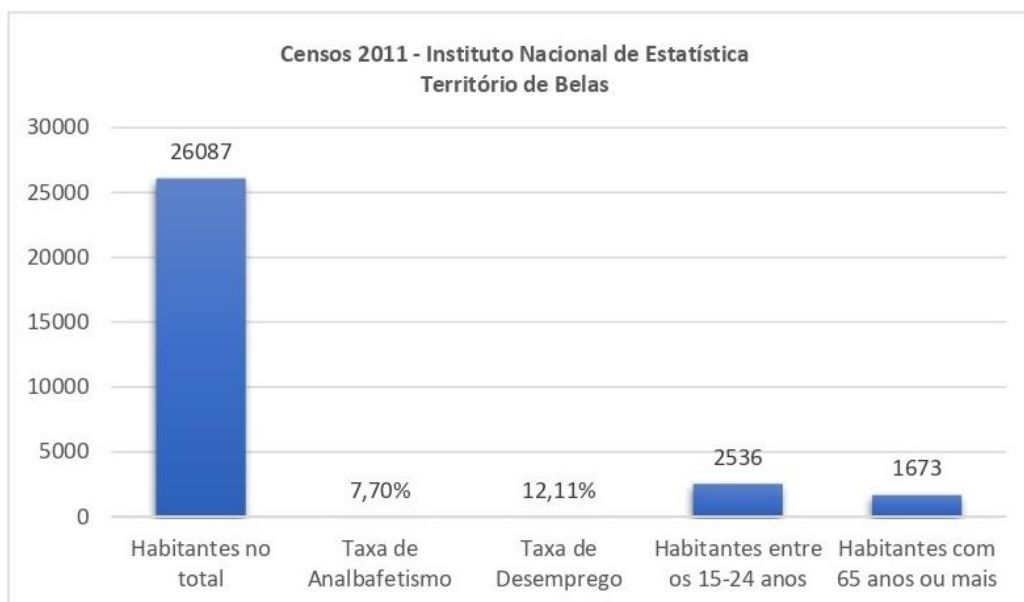


Fig. 2 - Gráfico com os dados do Terriório de Belas acordo com os censos 2011 do INE - Instituto Nacional de Estatística.

No caso da cidade de Queluz, de acordo com os dados estatísticos registados nos Censos 2011 pelo INE – Instituto Nacional de Estatística, o território de Queluz apresenta 26248 habitantes, sendo que 2,7% é analfabeta e 16,71% desempregada. Ainda nos dados recolhidos em 2011, é possível apurar que em Queluz existem 2885 habitantes com idades entre os 15 e os 24 anos e também 5602 habitantes com 65 anos ou mais.

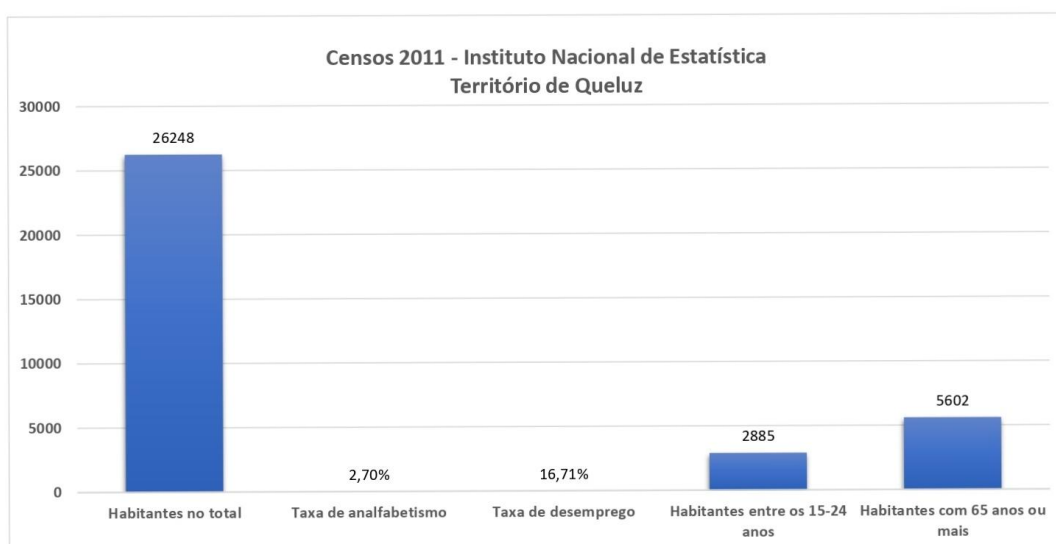


Fig. 3 – Gráfico com os dados do Terriório de Queluz de acordo com os censos 2011 do INE -Instituto Nacional de Estatística.

Destas breves amostras estatísticas, compreende-se que vivemos num território com grande densidade populacional, mas parte dela bastante envelhecida. A evolução do país e, conseqüentemente, das freguesias ao longo dos anos contribuiu para a amortização da taxa de analfabetismo, sendo esta quase residual na cidade de Queluz. No entanto, em Belas é possível observar que esta taxa ainda se demonstra acentuada em 2011. A justificação poderá residir no facto de ser uma área mais isolada, com o acesso menos facilitado do que em Queluz, ou no abandono escolar. A taxa de desemprego também é bastante considerável, sobretudo na comunidade mais jovem da freguesia. Apesar do desenvolvimento, por exemplo, das tecnologias e do setor industrial, que tornou mais acessível ingressar no mercado de trabalho nesta freguesia, algo que não se verifica em 2011. Poderá ser pertinente comparar estes dados de 2011 com os dados dos censos de 2021, onde os resultados poderão ser mais animadores e denotar-se outra evolução na União de Freguesias de Queluz e Belas.

2.2.1 Panorama Cultural e Artístico da Freguesia

Considero necessário, para que haja impacto na comunidade das propostas culturais, que exista uma continuidade no trabalho desenvolvido. Caso existam somente projectos pontuais e intervalados, torna-se vagaroso alcançar certos objetivos como: suscitar o interesse e aproximar a comunidade da freguesia às práticas artísticas e culturais; a formação de públicos; demonstrar a importância da arte na sociedade nos dias de hoje, para contrariar estigmas e estereótipos existentes; criar oportunidades para artistas emergentes e profissionais da área; valorizar o espaço público e potenciar a criatividade e riqueza cultural do território.

Os dados estatísticos referidos anteriormente, demonstram também que uma grande parte da população no território já tem uma idade avançada. Atualmente, existem diferentes iniciativas promovidas, sobretudo pela autarquia vigente no território, para uma comunidade mais sénior. Normalmente, são visitas guiadas a monumentos, neste caso em Lisboa e Sintra, ou, por exemplo, caminhadas ao longo da freguesia de Queluz e Belas. Creio que estas atividades têm um papel fundamental no combate à solidão e ao sedentarismo de uma comunidade que, por vezes, encontra-se mais isolada pelo afastamento familiar ou da própria sociedade onde está inserida. Acredito que é importante para os participantes terem a oportunidade de conhecerem diferentes espaços

e locais que fazem parte da sua cidade e onde residem há imensas décadas. Fruto de uma vida árdua e trabalhadora, nunca tiveram hipótese de usufruir e visitar estes locais. Portanto, considero imprescindível que se continuem a desenvolver projetos em que o público-alvo também seja a comunidade mais sénior da freguesia, para colmatar necessidades anteriormente referidas, mas que se aposte também na inovação. Na possibilidade de pensarmos no entrosamento da comunidade sénior com a mais juvenil, equacionar por exemplo a possibilidade de a comunidade sénior transmitir ofícios e ensinamentos que caíram em desuso e, que os mais jovens desconhecem por completo e vice-versa, como já acontece noutros locais do país.

Por outro lado, é notório o trabalho desenvolvido em prol de uma camada mais jovem, como por exemplo na Biblioteca Ruy Belo, onde encontramos propostas de diversas leituras encenadas. Segundo o *website* da Câmara Municipal de Sintra, na Biblioteca Ruy Belo promovem-se diferentes atividades lúdicas ao longo do ano. Após uma breve pesquisa pela programação, compreende-se que os destinatários são maioritariamente crianças e a família que as acompanha. Atividades de cariz didático que envolvem sobretudo a literatura, através da apresentação de contos. Existem ainda ateliês e oficinas para se desenvolverem trabalhos alusivos a diferentes épocas do ano, como o Natal, onde se constroem materiais de decoração para esta efeméride. A participação nestas atividades, normalmente, é gratuita, sendo apenas necessária uma inscrição prévia.

No espaço da Ludoteca de Queluz também são desenvolvidas bastantes atividades com as camadas jovens, mas considero que, por vezes, atividades tão lúdicas e de entretenimento podem não fomentar o espírito crítico e a criatividade destes habitantes com tantas potencialidades. Contudo, a existência destes locais é importante para que as crianças possam confraternizar, possam ter atividades diferentes no seu dia-a-dia, sendo que, por vezes, não têm, no seu seio familiar, as condições necessárias para as realizarem.

Através destes dados estatísticos recolhidos, de análise documental e da observação direta, considero natural que muitos jovens numa idade compreendida entre os 18 e os 30 anos, se tenham de deslocar frequentemente para o centro de Lisboa na procura de enriquecimento cultural e de oportunidades artísticas, já que nos locais onde estes jovens cresceram, estudaram e ainda vivem, não existem planos ou estratégias para

travar a “fuga” destas potencialidades. Assim, estamos somente a contribuir para o empobrecimento destes territórios. Acredito, então, na importância dos cidadãos se sentirem valorizados e que sejam para tal criados espaços de encontro e de criação. Acima de tudo, que possam desenvolver propostas e dinamizar a comunidade onde estão inseridos.

Existem entretanto diversos projetos comunitários que trabalham neste sentido de escutar as pessoas, e que, através dessa auscultação sejam elas próprias a desenvolver propostas de acordo com as suas convicções, capacidades e interesses.

Dentro destes exemplos estão os do Espaço Comunitário Pendão em Movimento, ou a Associação *The One Zion*, presentes na freguesia de Queluz e Belas e, na qual tive a oportunidade de trabalhar de perto. Estes projetos promovem a criação e a participação mais ativa dos jovens da comunidade e não só. De acordo com o assistente social Rodrigo Faria numa entrevista realizada no programa “Cidade Invisível”, na Antena 1, as academias não preparam bem estes futuros trabalhadores, pois saem dos cursos com a ideia de que têm de criar projectos infalíveis e cativantes para a comunidade, quando na verdade o processo deveria ser ao contrário. Devem ser as pessoas que constituem a comunidade de um determinado território, a serem acompanhadas e envolvidas na criação de projetos com as suas próprias ideias e visões. Não existe ninguém melhor que as pessoas que ocupam o território para desenvolverem propostas, independentemente da sua índole. Não precisam de ser projetos ligados à área artística e cultural, já que existem inúmeras possibilidades de ação. Basta estas pessoas terem vontade de intervir, de serem acompanhadas e conseguirem reunir as ferramentas necessárias para concretizarem um projeto.

Estas considerações sobre o território Queluz-Belas são realizadas com base na minha ótica de habitante e, como alguém que desenvolveu um projeto assente em algumas urgências assinaladas. Ainda tenho de aprender bastante com o que desenvolvi e planeio desenvolver, seja na comunidade onde estou inserido, ou não. Até aqui, o que tenho compreendido é que, cada vez mais, têm de ser as pessoas a tomar a iniciativa, a movimentarem-se, ou têm de ser criadas dinâmicas para que estas se sintam envolvidas e motivadas a desenvolver as suas ideias, sejam elas quais forem, desde que se respeite o senso comum e o chão democrático do país. A exposição “Apego Longo”, é de alguma forma uma prova de que um habitante, juntamente com diferentes parceiros (O

Espaço Comunitário Pendão em Movimento, a União de Freguesia de Queluz – Belas, e os artistas que contribuíram com os seus objetos artísticos) consegue colocar em prática uma das suas ideias e dinamizar algo num terreno árido. Para além dos objetivos gerais delineados com o projeto, espero que surjam daqui em diante mais pessoas com vontade de avançarem com as suas ideias no local em que vivem, de forma a não se refugiarem sempre nos grandes centros.

2.2 - Identificação de espaços culturais na Freguesia de Queluz e Belas

Desenvolvi este processo para apurar quais os espaços e equipamentos culturais existentes em Queluz e Belas com base na minha vivência na freguesia e, também através de pesquisas na *Internet*.

Assim, identifiquei: Polo de Queluz - Biblioteca Ruy Belo; a Ludoteca de Queluz; o Edifício Multiusos Cultural de Belas; o Salão Nobre do Quartel de Bombeiros Voluntários de Queluz; o Parque Municipal da Quinta do Pego Longo; o Parque Urbano Felício Loureiro.

Ao longo deste levantamento, compreendi que os espaços e equipamentos culturais referenciados estão, maioritariamente, sobre a gestão e responsabilidade da Câmara Municipal de Sintra. Também equacionei as escolas do Agrupamento de Queluz – Belas como hipóteses-alvo de intervenção, mas ainda se viviam tempos em que as restrições da pandemia eram bastantes limitadoras na colocação em prática de novas iniciativas. Ainda assim, a convicção inicial para que este projeto tivesse lugar dentro da freguesia de Queluz e Belas, independentemente do local, foi levada a cabo. Fazer algo para a comunidade em que estou inserido e, com o apoio de muitos elementos da mesma, foi fundamental animicamente.

Todo o trabalho de pesquisa foi desenvolvido, sobretudo, no mês de fevereiro de 2022. Fui visitando cada espaço individualmente, pensando em propostas de intervenção possíveis, e verificando quem eram os responsáveis pelos mesmos. Considero que fiquei a conhecer ainda melhor o local onde vivo. Estes espaços com as suas bases e estruturas de betão são bastante visíveis; no entanto, ainda não tinha

sentido que pertencem a cada um de nós e que tivessem capacidade para abraçar diferentes iniciativas. Mas acabei por concluir que basta haver movimento nesse sentido e vontade de dinamizar propostas deste carácter.

2.3 – Pesquisa de parceiros e apoios

Uma vez identificados os espaços culturais do território de Queluz – Belas, foi tempo de unir esforços. Recorri ao Espaço Comunitário Pendão em Movimento, que se situa no Bairro do Pendão em Queluz. Segundo o seu *website*, o Pendão em Movimento é um espaço comunitário com gestão partilhada por diversas organizações/grupos. É um local que pretende contribuir para o bem-estar da comunidade da Freguesia com os diversos projetos e respostas que oferecem.

Assim, o Espaço Comunitário Pendão em Movimento proporcionou-me a oportunidade de participar na Formação “Construir Juntos – Projetos de Inovação Comunitária”, promovida pela Câmara Municipal de Sintra e a Fundação Aga Khan. De acordo com o certificado de formação, esta iniciativa tem como objetivo fomentar a coesão territorial, através de competências para auto-organização e desenvolvimento de iniciativas criadas pelos jovens e desenvolvimento da metodologia de intervenção comunitária.

Através desta formação, pude conhecer participantes de meios diferentes, com ideias inovadoras para dinamizarem a comunidade onde residem, ao longo do Concelho de Sintra. Adquiri novas ferramentas de sociabilidade, de estruturação de um projeto e fundamentei conhecimentos que fui absorvendo ao longo da minha formação no ensino superior. Esta formação também me colocou em contato com entidades e responsáveis com poder de decisão no município. Foi assim possível compreender melhor como se processa e desenvolve a vida cultural no concelho de Sintra, e que necessidades podem ser colmatadas através de práticas artísticas e culturais.

Considero o meu envolvimento nesta iniciativa como o grande ponto de partida para o desenvolvimento deste meu projeto. Comecei a compreender que existem ao longo do município lacunas e urgências, mas, sobretudo, na freguesia onde vivo. Apresentar-me e expor as minhas ideias aproximou-me de muitas pessoas e alargou bastante a minha rede de contactos. Estabelecer estas ligações foi fundamental para

começar a trilhar caminho e criar algo de raiz em prol da comunidade, num terreno árido em vida cultural.

Ao longo do trabalho que foi desenvolvido, e ao longo deste documento, é reconhecível que os principais parceiros institucionais e parcerias do meu projeto foram:

- **Fundação Aga Khan** – De acordo com o *website* da Fundação Aga Khan foi fundando há 35 anos para promover a coesão social em comunidades moldadas pela migração. Trata-se da fundação que possibilita a existência do Espaço Comunitário Pendão em Movimento, como tantos outros espaços com estas características de proximidade com as comunidades.
- **Espaço Comunitário Pendão em Movimento** – Como já foi referido anteriormente, trata-se de espaço comunitário, com gestão partilhada por diversas organizações/grupos locais que pretendem contribuir para o bem-estar da Comunidade da Freguesia, com os diversos projetos e respostas que oferecem.
- **Associação *The One Zion*** – De acordo com o *website* Bairros Saudáveis, trata-se de uma associação criada por jovens do território que apresenta uma iniciativa local de base comunitária, promovida por jovens numa lógica de procurar espaços de expressão e desenvolvimento do potencial juvenil, em específico, desenvolvendo acções que recaem no eixo social e económico.
- **Câmara Municipal de Sintra** – Segundo o *website* da Câmara Municipal de Sintra, este é o órgão executivo do município e tem por missão definir e executar políticas que promovam o desenvolvimento do Concelho em diferentes áreas.

- **União de Freguesias de Queluz e Belas** – Com base na informação disponibilizada no *website* da freguesia, durante a reorganização administrativa de 2013, deu-se a união destas freguesias que hoje apresentam um espaço administrativo comum, caracterizado não apenas pelo território que as constitui, mas sobretudo pelos espaços históricos e naturais que abarcam.

2.4 – Identificação de recursos materiais

Primeiramente, a grande preocupação em termos de recursos materiais para a exposição foram os suportes de apresentação dos objetos artísticos. Tinha inicialmente em mente desenvolver um estendal inspirado nos estendais do Bairro do Pendão, na freguesia de Queluz e Belas, que representasse a nossa cultura do sol. É perceptível que, por exemplo, nos países nórdicos não exista o hábito de secar a roupa no exterior, como os países mediterrâneos o fazem, criando assim um estendal com diversas peças e obras dos artistas, ao invés de vestuário, como vemos no dia-a-dia. Para isso considerei necessário adquirir:

- 10 Ripas de Madeira Aplainada Casquinha Branca;
- 4 Estendais de parede com 2 roldanas;
- 8 Cordas de estendal;
- Molas.

Tendo em conta aos elementos que fui recolhendo durante a pesquisa também necessitava de um projetor de vídeo para apresentar os registos videográficos recolhidos. Sendo que estes registos vivem também muito do áudio seria essencial para a narrativa ter presente um equipamento de som para o transmitir. Para este momento de intervenção considerei para além de materiais técnicos também alguns materiais cenográficos:

- 1 Projetor; sistema de som;
- 1 Leitor de áudio; e
- Superfície branca/parede para projeção dos registos videográficos;
- 1 Auscultador com fio;
- 1 Banco de pé alto;
- Janela ou porta usada/antiga.

2.5 – Criação de uma imagem e divulgação do projeto

O título da exposição “Apego Longo”, como já foi referido, é a junção de duas palavras, com base num local junto da minha área de residência, a Quinta do Pego Longo. A criação da imagem ficou a meu encargo. Fui desenvolvendo alguns esboços a lápis no papel de diferentes tipos de letra até que cheguei ao que pretendia. A letra “A” da palavra “Apego” é uma espécie de castelo que simboliza a historicidade que o território acarreta. No cimo uma pequena bandeira com o nome da freguesia e pequenos corações que significam uma vez mais a afetividade pelo local. De seguida a letra “P” também presente na palavra “Apego” tem uma pequena cara que corresponde a um jovem que sorri. No fim, uma bola de futebol a substituir a letra “O”. Considero que a bola de futebol simboliza as brincadeiras na rua, as amizades, a juventude e muitos momentos que ficam para sempre na memória, sejam esses momentos em meios suburbanos, como foi no meu caso, ou em diferentes partes do país e do mundo. Por fim, na palavra “Longo”, que constitui o título da exposição, encontram-se uma cara e uma coroa. Algo muito ligado à sorte e ao azar. Neste caso, pensei na questão de trazer as outras faces da moeda com este projeto, ou seja, demonstrar a importância dos objectivos definidos inicialmente - desocultar protagonistas de diferentes formas de arte; suscitar o interesse e aproximar a comunidade de práticas artísticas e culturais.

Posto isto, o processo foi relativamente simples, como se pode observar nas imagens seguintes. Bastou fazer o desenho a limpo, digitalizar para o computador, e a partir desse momento, com o auxílio da arquiteta Maria Leonor Lopes, construiu-se o cartaz da exposição, através das ferramentas do programa de computador *GIMP*. As cores escolhidas para o cartaz foram o azul-marinho, cor de vinho e amarelo de limonada. O amarelo foi o escolhido e ficou no cartaz principal, com as informações acerca da exposição, como se pode ver também na imagem seguinte. Optou-se por esta cor porque esta representa o Espaço Comunitário Pendão em Movimento, segundo a Irene Pinto, uma das responsáveis, sendo também a cor que está presente no emblema da União de Freguesias Queluz e Belas.



Fig. 4.- Quatro imagens exemplificativas de esboços durante a criação da imagem do projeto de Pedro Nascimento.

A divulgação do projeto foi feita maioritariamente através da página de *Instagram* do Espaço Comunitário do Pendão em Movimento, da Associação The One Zion, e pelo departamento de comunicação da União de Freguesias de Queluz e Belas. Foram colocados cartazes em formato A3 nas imediações do Edifício Multiusos Cultural de Belas, com o convite às pessoas para visitarem a exposição, e com as informações de funcionamento: o horário de abertura e fecho das portas ao público, a informação da entrada gratuita, os dias em que iam decorrer, e por fim a programação paralela associada à exposição.



Fig. 5- Imagens exemplificativas dos cartazes da exposição com as informações gerais e as informações da programação por Pedro Nascimento

Foi uma fragilidade não ter sido possível, por motivos financeiros, desenvolver *flyers* e distribuí-los, como estratégia de aproximação à comunidade da freguesia e sensibilizar as pessoas acerca do que se ia suceder.

Outro meio relevante de divulgação utilizado para publicitar a exposição, ocorreu no Espaço Comunitário Pendão em Movimento, no dia 30 de abril de 2022. Foi um momento em que diversas pessoas fizeram uma apresentação dos seus projetos e ideias a concretizar durante o ano. A apresentação da exposição “Apego Longo” não foi exceção, tendo sido desde logo lançado o mote aos presentes que pudessem contribuir com sugestões de artistas da freguesia de Queluz e Belas, ou se gostariam de partilhar os seus trabalhos artísticos na exposição. Para este efeito foram também colocados dois cartazes distintos a solicitar estes contributos.

Foi através destes dois cartazes que surgiram nomes como a artista Anigett Graça e a Madalena Francisco, que integraram a exposição, e só não foi integrado o jovem artista Miguel Fortes, porque os trabalhos deste jovem de 12 anos ainda são muito ligados ao mundo das personagens de desenhos animados. Desta forma, os seus trabalhos, comparados com os dos restantes, iam ser muito díspares. Ou seja, ter obras dos artistas junto de personagens do canal *Cartoon Network*, do qual sou fã, não ia resultar na narrativa que pretendi seguir. Considero que foi uma forma de encontrar outros artistas, interessante pela sua dinâmica. No cartaz colocavam o nome e o contacto para conseguirmos falar acerca do projeto, sendo algo mais informal para que as pessoas se pudessem sentir confortáveis em contribuir e participar.



Fig. 6 - Imagens de divulgação utilizado para publicitar a exposição por Pedro Nascimento.

Por fim, considero que não existiu a necessidade de criar meios digitais dedicados para divulgar o projeto da exposição "Apego Longo". Foi antes um trabalho desenvolvido em colaboração com as entidades que referi anteriormente e nas suas

redes sociais, e onde estava presente uma parte considerável do público-alvo desta intervenção. Tendo em conta os timings e a duração do projeto, poderia ser algo precipitado e pouco eficaz.

Capítulo II

1. Execução do Projeto

A exposição “Apego Longo” decorreu no Edifício Multiusos Cultural de Belas, durante os dias úteis de 4 a 16 de maio de 2022, no horário das 9h30 até às 12h30, com pausa de almoço e reabertura às 14h até as 17h30. A exposição era gratuita para qualquer visitante. O local situa-se no seguinte endereço: Praça 5 de Outubro 16, 2605-021 Belas e foi um espaço inaugurado em fevereiro de 2022.

1.1 – Artistas participantes e respetivas obras artísticas

Em seguida listo e descrevo cada artista que participou na exposição, fazendo uma breve nota biográfica de cada um/a e das suas respetivas obras. São artistas com diferentes projetos artísticos e motivações, mas com o território da freguesia Queluz e Belas em comum.

- **Anigett Graça** – Uma artista de 15 anos que terminou o 3º ciclo este ano letivo 2021/2022 e que irá ingressar agora na Escola Artística António Arroio, para dar continuidade ao seu interesse pela pintura, mas sobretudo para adquirir novas ferramentas e conhecimentos para fortalecer as suas capacidades. A presença da Anigett Graça foi bastante sonante através das suas três obras presentes na exposição. Foram duas obras mais ligadas ao existencialismo e abertas às diferentes interpretações dos espectadores, e uma outra peça com ligação às suas raízes da cultura africana numa espécie de auto-retrato. Considero que a Anigett Graça, sendo ainda muito jovem, tem um futuro promissor no mundo das artes, se o assim desejar e trabalhar. Mesmo que não venha a ser a área artística o seu futuro, espero que a sua participação no projeto tenha sido importante de alguma forma a nível pessoal e um momento para um dia mais tarde recordar.

- **Miguel Chorão** - um jovem fotógrafo que de momento está a terminar uma Licenciatura em Audiovisuais e Multimédia na Escola Superior de Comunicação Social. Sendo um artista emergente na área da fotografia, foi interessante irmos a diversos pontos da Vila de Belas para captarmos diferentes locais e espaços. Isto porque encontrei pouco arquivo público acerca desta área. Trata-se de uma espécie de exercício de memória para o futuro, ou seja, dentro dos diferentes locais que o Miguel Chorão fotografou, alguns deles estão abandonados e devolutos. Portanto, caso um dia sejam reabilitados temos registos de como eram aqueles terrenos e edifícios no local. Para além de toda a historicidade da Vila de Belas, que o Miguel Chorão, através do seu olhar e da sua lente, enalteceu para os mais distraídos.
- **Maria Leonor Lopes** - uma jovem a terminar a Licenciatura em Arquitetura com o Mestrado Integrado em Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado, na Faculdade de Arquitetura de Lisboa. A contribuição da Maria Leonor Lopes foi igualmente interessante, isto porque para além das suas obras ligadas à paisagem, ao mundo espiritual e abstracionismo, também contribuiu com uma obra interativa. Trata-se de uma obra em que a artista durante um dia do seu quotidiano foi pintando as cores do dia no horário de inverno, ou seja, à medida que as horas iam avançando, os tons do céu e do local onde se encontrava iam-se alterando. Assim o espetador pôde ir folheando a obra e aperceber-se dessas mudanças.
- **David Teixeira** – Um jovem fotógrafo com origem na Alemanha, mas que se mudou muito cedo com a família para a freguesia de Queluz e Belas. A participação do David Teixeira foi realizada através de registos de fotografia a preto e branco, e estas são capturas do seu espaço mais intimista. Peças que demonstram, por exemplo, locais da freguesia da Queluz – Belas, nomeadamente, a Igreja da Quinta do Pego Longo, ou o seu próprio irmão na companhia dos animais de estimação. Através destas peças conseguimos visitar alguns espaços da freguesia e também conhecer um pouco mais da vida privada do artista. É importante referir que as fotografias foram tiradas muito antes da possibilidade de ser

idealizado este projeto. Portanto, numa conversa informal o David Teixeira mostrou-me as fotografias e enquadraram-se na perfeição com os objetivos e ideia base do projeto.

- **Catarina Fernandes** - É uma jovem ilustradora que, em paralelo com a sua vida artística, desenvolve e trabalha em iniciativas comunitárias ligadas ao associativismo. O trabalho da artista junta humor, mas com mensagens bastante importantes nos dias de hoje. São peças ligadas à emancipação feminina, a luta contra a desigualdade e discriminação, numa linguagem que facilmente chega, tanto aos mais novos, como a quem tem uma idade mais avançada. A Catarina Fernandes conta com diversas participações em exposições coletivas, uma participação na revista *VOGUE*, e a mais recente exposição individual no centro de Lisboa.
- **Pedro Fernandes** – É um pintor oriundo de Beja, mas que nos últimos anos reside na freguesia de Queluz – Belas por motivos profissionais. A título de curiosidade, comparo-o ao escritor e poeta Ruy Belo que nasce em Rio Maior, mas que vive grande parte da sua vida entre a freguesia de Queluz – Belas e Monte Abraão, uma freguesia vizinha. O Pedro Fernandes estudou em Belas Artes no curso de Pintura e nos últimos largos anos tem desenvolvido e aprimorado a sua arte. Este artista, mais conhecido por Pedro, O Novo, esteve presente na exposição com um quadro pintado a óleo que pertence à sua já vasta obra. O Pedro Fernandes conta com diversas exposições coletivas. Foi um contributo enorme porque permitiu aos espetadores estarem em contato com uma técnica que para muitos não é fácil de dominar, a pintura a óleo.
- **Grupo de Seniores em Movimento** – trata-se de um grupo de seniores que se reúne todas as semanas no Espaço Comunitário do Pendão em Movimento para desenvolver trabalhos ligados à costura. Destes encontros resultou uma manta comunitária, em que cada senhora presente nas reuniões foi contribuindo com as suas costuras, sobretudo em malha, para criar uma manta com um tamanho bastante considerável. Esta manta surge na exposição quando a mesma já estava aberta ao

público, sendo que isso não foi nenhum entrave. Muito pelo contrário. A presença deste objeto artístico veio trazer mais dinâmica e cor ao espaço. Sobretudo, criou-se uma oportunidade para uma comunidade pouco representada na exposição e de estabelecer ligação com os mais jovens que se apresentavam em maioria. A manta foi apresentada numa espécie de silhueta feminina e numa comunhão de conhecimentos e vivências presentes no grupo.

- **Diogo Ferreira** – Trata-se de um jovem fotógrafo da freguesia de Queluz – Belas e as suas obras não deixam ninguém indiferente. O Diogo Ferreira desenvolve bastantes trabalhos ligados ao retrato de pessoas que, muitas vezes pelas suas diferenças e características físicas, são colocadas de parte da sociedade onde se encontram inseridos. Através das fotografias ele devolve o amor-próprio, proporciona o valor devido a que estas pessoas têm direito, o respeito e acima de tudo a visibilidade. O artista começa a sua obra de uma forma bastante orgânica no seu seio familiar e, de momento, conta com participações em exposições coletivas, como é o caso da exposição “Linha Imaginária” – no Museu de Artes de Sintra e também na exposição “Interferências” – no Museu Arte, Arquitetura e Tecnologia.
- **Madalena Francisco**– É uma jovem Licenciada em Artes Visuais e Tecnologia na Escola Superior de Educação de Lisboa. A Madalena Francisco teve duas obras presentes na exposição. Uma delas trata-se de um quadro pintado em acrílico e uma espécie de escultura redonda em plástico. Os dois objetos artísticos estão interligados, uma vez que foi um projeto desenvolvido durante o seu percurso académico, com base no movimento das suas próprias mãos. A artista também tem a ambição de ser docente na área das artes visuais para incentivar e ajudar os alunos nos seus percursos artísticos.
- **C.E.C.D. Mira Sintra – Pólo Pendão** – Trata-se do Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência, no qual se desenvolvem diversas atividades com as pessoas que estão envolvidas neste centro e esta

participação teve lugar através da Ilda Aguiar, a atual responsável deste projeto, que demonstrou bastante interesse em ter presente na exposição os projectos que os jovens vão desenvolvendo ao longo do ano. São projetos que resultam em peças de cerâmica, pintura, costura e pirografia. Foi um contributo impressionante, que deu ainda outro significado à exposição. Isto porque o local e, acima de tudo, a arte e cultura pertencem a todos nós, independentemente das diferenças que possam existir. Aquele local, e todos os outros locais, devem ser ocupados igualmente por todos.

1.2 – Outras intervenções artísticas, resultantes da pesquisa

Durante a pesquisa utilizei maioritariamente as plataformas digitais *Youtube*, *Vimeo* e o acervo público da RTP Arquivos. As descobertas foram impressionantes, porque foi possível deparar-me com outras possibilidades no universo da música e dos registos videográficos. Os exemplos identificados durante a pesquisa e que descrevo em seguida não puderam vieram a integrar esta exposição:

Primeiramente, dois projetos musicais ligados à cultura *Punk* e outros dois dentro da cultura *Hip-Hop*. Para além das interligações referidas anteriormente, como a juventude, subcultura e inconformismo o ponto mais forte e em comum é a ligação ao território de Queluz – Belas.

- *Os X-Acto*: segundo o Jornal Público e a plataforma digital *Facebook* “Queluz Antiga”, são uma banda oriunda de Queluz. São considerados uma das bandas mais mediáticas da década de 90 e incontornáveis, quando se fala de em *punk* feito em Portugal.
- *Os Lacraus*: de acordo com Jornal Público são uma banda de *punk* com origem em Queluz e é constituída por Tiago Guillul, Guel Sousa, Cado e Ben. Esta banda surge uma vez mais do movimento da editora independente “Flor Caveira”. Num dos projetos intitulado “Guel, Guillul & Comboio Fantasma”, lançam um álbum em 2000 “Queluz Está a arder”, em que existe um retrato social sobre a cidade e uma sátira à situação que se vive na mesma.

- Edson Wildbrand Pascoal Silva, mais reconhecido por **NGA** é um nome de relevo dentro da cultura Hip-Hop em Portugal. Aos 10 anos de idade deixa o seu país natal Angola e muda-se junto da sua mãe para a Linha Sintra, mas concretamente Queluz. No seu crescimento conhece três artistas e com os quais formou um coletivo de *Rap* intitulado de Força Suprema. Trata-se de um artista incontornável e bastante reconhecido ao longo do território nacional.
- Segundo a entrevista na RTP África, Wilson Santos, com cerca de 18 anos, é músico do Estúdio PEM *Records*, projeto comunitário em que os jovens deram continuidade a um trabalho desenvolvido por uma geração mais velha, onde se encontravam artistas de relevo tais como Loreta KBA, Primero G, Madrugz, Fredy Kuker entre outros. Uma iniciativa com o propósito de dinamizar a comunidade, para abraçar artistas emergentes e entusiastas na sua primeira experiência na área musical.

Considero que ainda existem diversos artistas e projetos musicais por descobrir na freguesia de Queluz e Belas. Estes nomes e tantos outros, não só desta freguesia, deveriam ser mais apoiados nos seus locais de origem ou acolhimento. As suas criações são além-fronteiras e contribuem para o enriquecimento, diversidade cultural, mas também inclusão e liberdade.

De seguida, dois objetos artísticos em formato de vídeo encontrados através da plataforma digital *Vimeo* e que retratam diferentes pontos do território de Queluz e Belas.

- Num antigo perfil intitulado “Cidadania de Queluz” ainda se encontram disponíveis registos de vídeo acerca do Rio Jamor e da Matinha de Queluz. São dois elementos ligados ao território e que constituem uma boa parte do mesmo. O primeiro testemunho ligado ao percurso do Rio Jamor em Queluz reacende bastantes memórias a quem viveu a cidade na época antes de acontecerem diversas transformações, como por exemplo na estrada que faz ligação entre Queluz e Belas, que chegava a ser perigosa no estado em que se encontrava. Neste caminho foi criado um parque que veio dinamizar aquela área e substituir a presença de imóveis devolutos e desocupados há muitos anos. A criação de

ciclovias que atualmente oferecem outros meios de acessibilidade à comunidade. São memórias de como era a cidade antigamente úteis aos mais novos e pessoas que não residiam no local. Uma oportunidade de estar em contacto com estes antigos elementos que constituíam a cidade, mas que foram requalificados para melhorar a qualidade de vida da comunidade.

- Outro exemplo é do Andrew McNiven, segundo a sua página *Web* é um artista do Reino Unido e curador. Nasceu em Edimburgo em 1963 e estudou em Belas Artes no *Goldsmith's College* em Londres. Desde 1990 que o seu trabalho tem sido mostrado em diversas galerias na Europa. Um dos seus trabalhos “*Hum series*” (2017) trata-se de vídeos com planos fixos, em que o som ambiente do quotidiano oferece diferentes nuances à imagem. Um desses exemplos passa pela estação ferroviária de Queluz – Belas intitulada de “Queluz – Belas (Columba Livia)” que traduzido em português significa Pombo – Comum.

1.3 – Recursos materiais utilizados

Neste tópico apresento uma listagem dos recursos materiais para a concretização do projeto. Sem o apoio dos parceiros, dos participantes e do espaço não seria possível, porque foram necessários diferentes materiais tais como:

Cavaletes	Projector de vídeo	Câmara de Filmar e Impressora	Fita-cola de papel e dupla face	Escadote
Expositores	Sistema de Som e Iluminação	Computador e Telemóvel	X-acto e Tesoura	Mesa e Bancos
Palco e Cadeiras	Microfones	Gravador de Áudio	Papel, lápis e canetas	Bandeiras da U.F.Q.B

Fig. 7 – Tabela de recursos dos materiais utilizados para a concretização da exposição

Alguns destes materiais já se encontravam disponíveis no espaço, nomeadamente os expositores, onde os artistas colocaram as suas obras. O palco em que o sistema de som e os microfones foram utilizados para realizar diferentes momentos de conversa ao longo da exposição e para o visionamento de um dos episódios do documentário de “Uma Vida Só Não Chega”, de António Brito Guterres. O sistema de iluminação foi utilizado para realçar uma das obras da artista Madalena Francisco. O escadote já se encontrava no espaço e suportou a manta comunitária para dar a sensação de uma silhueta feminina. As cadeiras onde o público assistiu às conversas e participou nas mesmas, os bancos onde se podiam contemplar as obras sem ser de pé, a mesa que serviu de suporte ao caderno de elogios ou recomendações também faziam parte do equipamento do espaço. Também foram disponibilizados pelo espaço o X-acto para corte, a fita-cola dupla face que suportou as fotografias de Diogo Ferreira (as quais, pela dimensão, não aguentavam serem fixas somente com a fita-cola de papel) e também todas as informações disponíveis acerca dos artistas e as suas obras.

O projetor de vídeo, a impressora para imprimir cartazes e *flyers* para a divulgação do projeto, os cavaletes para apresentar as obras da Anigett Graça, da Catarina Fernandes e do grupo de jovens do Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência são materiais e equipamentos cedidos pelo Espaço Comunitário Pendão em Movimento e pela Associação *The One Zion*, um dos principais parceiros do projeto.

Os restantes materiais, nomeadamente, computador para estruturar o projecto, telemóvel que serviu de câmara de filmar e gravador de áudio, o carro para o transporte dos materiais e obras dos artistas, fita-cola de papel, canetas e lápis para os espectadores deixarem as suas mensagens positivas, ou aspetos a melhorar num futuro ficaram ao meu encargo para a concretização da exposição.

Posto isto, em geral foi muito importante o papel dos parceiros e do espaço na cedência de diversos materiais imprescindíveis para que se reunissem as condições necessárias para que a exposição pudesse ser montada. Os gastos financeiros foram muito reduzidos sendo que o consumo de eletricidade ficou ao encargo do espaço, o gasto de papel na impressão dos cartazes e *flyers* foi assumido pelo Espaço Comunitário Pendão em Movimento e pela Associação *The One Zion*; o combustível gasto nas deslocações foi da minha responsabilidade.

1.4 – Programação paralela à exposição

Sendo que a exposição ia estar patente desde o dia 4 de Maio a 16 de Maio considerei necessário, juntamente, com os parceiros do projecto, criar mais momentos de chamariz para atrair público a visitar o espaço. Foi então considerado organizar um ciclo de conversas, entrevistas, debates e apresentação de projectos durante os dias 9 de Maio a 14 de Maio.

Na segunda-feira no dia 9 de Maio estivemos à conversa com o G.A.V.E - Grupo de Artistas Vale de Eureka. De acordo com o *website* do grupo trata-se de uma instituição criada em 2004, no concelho de Sintra sem qualquer intuito lucrativo e tem como único objetivo, a divulgação e promoção do artesanato nacional e artes plásticas. Nesta conversa tivemos a presença do Nuno Justino, o diretor responsável deste grupo que partilhou e abordou diferentes tópicos tais como: a origem do grupo, o primeiro contato de Nuno Justino com o artesanato, os estigmas e as diferenciações em torno dos artesãos em comparação a outros artistas, o trabalho desenvolvido pela instituição, os meios de subsistência do grupo e dos seus integrantes e o impacto que as atividades e projetos do grupo têm alcançado na comunidade onde estão inseridos.



Fig. 8 - À conversa com Nuno Justino (à direita) responsável do G.A.V.E – Grupo de Artistas de Vale de Eureka.

No dia 10 de Maio estivemos à conversa com o “Kolectivo Artístico Unidigrazz” – um coletivo de artistas com origem no concelho de Sintra ligados a diferentes formas de arte. Os integrantes deste coletivo são: Diogo “Gazella” Carvalho, um jovem artista ligado ao mundo do cinema, da fotografia e da ilustração contando já com a realização de diversos trabalhos nestas áreas artísticas. João Tristany, um jovem músico português e multidisciplinar cuja expressão musical não deixa ninguém indiferente. Bruno Teixeira, mais conhecido pelo nome artístico “Sepher Awk”, um artista visual que desenvolve o seu trabalho, quer seja nas paredes, através do graffiti, nomeadamente em projetos de animação, quer em telas ou em trabalhos digitais, e que tem materializado tudo o que a rua lhe dá através da sua arte. Nuno Trigueiros, conhecido por Onun Trigueiros, que se intitula de colecionador e fazedor de selos. Nuno Trigueiros é um artista visual com enorme visão e através destes selos conta-nos episódios, momentos e dá-nos diversas referências do ambiente vivido na Linha de Sintra. Esta conversa iniciou-se com uma breve apresentação do coletivo e os respetivos integrantes, mas desde muito cedo que tentou não seguir o caminho mais convencional que as entrevistas tomam, ou seja, procurou-se fugir de perguntas que os próprios já responderam noutros locais. A lógica foi a de que os espetadores presentes e ouvintes pudessem conhecer melhor cada artista, as suas considerações sobre diferentes tópicos e com algum humor à mistura com perguntas inusitadas para desbloquear ainda mais os interesses e gostos de cada um.



Fig. 9 – À conversa com o “Kolectivo Artístico Unidigrazz” de Sintra

No dia 11 tivemos a apresentação da manta comunitária “Linhas em Movimento”, com a presença do Grupo de Seniores em Movimento. Um grupo de seniores que se reúne todas as semanas no Espaço Comunitário do Pendão em Movimento para desenvolver trabalhos ligados à costura. A sua contribuição, uma manta comunitária, foi apresentada como uma espécie de silhueta feminina e sintetiza uma comunhão de conhecimentos e vivências presentes no grupo. Sentados em círculo, cada pessoa apresentou-se de forma breve e falámos sobre a realização deste objeto artístico. Foram discutidas as dificuldades durante a pandemia e privação dos encontros para desenvolver o projeto da manta, o lado terapêutico destes encontros, a relação da juventude de hoje em dia com a realidade que muitos integrantes mais velhos deste grupo viveram nas suas épocas, a importância de iniciativas que envolvem comunidades com idades mais avançadas, e a vontade de continuar a criar mais mantas comunitárias.



Fig. 10 - Apresentação da manta comunitária “Linhas em Movimento” com a presença do Grupo de Seniores em Movimento.

No dia 12 decorreu a apresentação de um dos 5 episódios do documentário “Uma Vida Só Não Chega”, de António Brito Guterres, que integra muitos elementos sobre o Bairro do Pendão na freguesia de Queluz – Belas. Trata-se de um documentário que inspirou bastante a concretização da exposição “Apego Longo” e foi uma enorme honra contar com a presença do autor do documentário, bem como com a presença de Fábio Évora, um jovem da comunidade do Bairro do Pendão, que hoje em dia tem um negócio de sucesso e é um dos membros fundadores da Associação *The One Zion*. Após o visionamento do episódio do documentário houve debate aberto com os espetadores presentes durante o qual surgiram diversas considerações sobre urgências e fragilidades do território representado e que também se verificam noutros locais de norte a sul do país.



Fig. 11 - Apresentação de um dos 5 episódios do documentário “Uma Vida Só Não Chega”, de António Brito Guterres.

Por fim, no dia 13 foi possível ter a presença de alguns artistas patentes na exposição para que os espetadores tivessem a oportunidade de os conhecer presencialmente, e serem os próprios a fazerem uma breve contextualização dos seus objetos artísticos. Nesse mesmo dia foi também possível entrevistar o Diogo Ferreira, um jovem fotógrafo da comunidade, e conhecer melhor o início do seu percurso

artísticos, as fragilidades e apoios no ramo da fotografia, a importância desta forma de arte e projectos que o Diogo Ferreira tem desenvolvido até então.

Foram, assim, cinco dias que marcaram a segunda semana da exposição no Edifício Multiusos Cultural de Belas. Foram cinco dias recheados de conversas sobre variados assuntos num local de encontro, de partilha e cruzar de saberes e vivências, onde se fortaleceram laços com entidades e pessoas da comunidade. Acima de tudo foi bastante enriquecedor a vários níveis. A nível pessoal foi uma enorme honra e sorte todos os participantes do projeto terem confiado em mim e na minha visão. Também uma enorme conquista para o meu percurso ter sido o responsável por grande parte da concretização do projeto. Noutras experiências, tais como estágios curriculares, ou em experiências laborais, nunca assumi tanta responsabilidade em gerir diversos elementos que compõem, neste caso, uma exposição. Desde o desenvolvimento da ideia-base do projeto, da pesquisa a partir do pretendido, da reunião dos recursos materiais e humanos necessários, contacto com autarquias, parceiros, apoios e artistas para fazerem parte do projeto, desenvolver uma programação, criar uma imagem e divulgar o projeto, entre outros passos que considero bastante importantes na formação de um profissional na área artística e cultural. Considero que as dificuldades e lacunas ao longo deste percurso são oportunidades de melhorar e fortalecer a estruturação de projetos e iniciativas no futuro.

Por vezes, só através da auscultação é que se torna possível compreender o próximo e, através desta aproximação, surgem novas ideias para incidir sobre o território, e formas de envolver cada vez mais a comunidade na construção de iniciativas e alcançar objetivos como, por exemplo, os que foram traçados no desenvolvimento da exposição - desocultar protagonistas de diferentes formas de arte; contribuir para o fortalecimento e reinvenção da identidade artística da comunidade; suscitar o interesse e aproximar a comunidade de práticas artísticas e culturais; valorizar o espaço público e a criatividade existente.

1.5 - Registos da exposição

Para além das imagens apresentadas anteriormente, coloco de seguida algumas hiperligações de vídeos e fotografias recolhidas, por exemplo, pelo departamento de comunicação da União das Freguesias de Queluz e Belas no rescaldo da exposição. Considero que as imagens por si só não fazem jus ao que foi apresentado e à dinâmica

criada, mas quem não conseguiu estar presente tem aqui uma oportunidade de reviver e experienciar um pouco da exposição.

Estes *websites* e hiperligações são provenientes das páginas de *Facebook* e *Instagram* da União das freguesias de Queluz e Belas, do CECD – Mira Sintra e do Espaço Comunitário Pendão em Movimento que foram documentando a exposição em diferentes ângulos e momentos.

1ª Hiperligação - Imagens da inauguração da exposição junto de Paula Alves a presidente da União de Freguesias Queluz e Belas e d Ana Pacheco a Vogal da Juventude

- <https://www.facebook.com/photo/?fbid=297649575888768&set=pcb.297649719222087>.

2ª Hiperligação – Trata-se de um vídeo com imagens da exposição e com considerações próprias acerca do que foi apresentado e desenvolvido na exposição.

- <https://www.facebook.com/watch/?v=3057595224570202>.

3ª Hiperligação – O vídeo de encerramento da exposição Apego Longo no dia 16 de Maio de 2022.

- <https://www.instagram.com/p/CdqvhpmqyJx/>

4ª Hiperligação – São imagens dos objectos artísticos dos participantes do C.E.C.D - Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência que estiveram presentes na exposição.

- <https://www.facebook.com/cecdmirasintra/photos/pcb.2222499097898964/2222497744565766>

5ª Hiperligação – Um exemplo de uma transmissão ao vivo através da página do *Instagram* do Espaço Comunitário Pendão em Movimento, durante as conversas realizadas na segunda semana da exposição. Neste caso é a apresentação da Manta Comunitário com o Grupo de Sêniores em Movimento, os autores do objecto artístico.

- https://www.instagram.com/p/CdbJbPZIY_0/

Capítulo III – Considerações acerca da exposição

1.Fragilidades, lacunas e pontos a melhorar (Datas, Horário, Acessibilidade, Divulgação e Direitos de Autor)

1.1 - Datas e Horários da Exposição

As datas e horários durante as quais a exposição esteve disponível para receber os visitantes despoletam de imediato diversos obstáculos. Primeiramente, os dias úteis. O facto de a exposição ter as portas abertas somente em dias úteis revelou-se um enorme entrave para quem tem interesse em visitar o espaço e conhecer a exposição. Considero que as práticas e apresentações artísticas devem procurar momentos de encontro mais harmoniosos com o público. Sendo apenas visitável durante a semana e num horário de funcionamento pouco convidativo para trabalhadores ou estudantes (é difícil organizar o tempo para visitar uma exposição no meio da correria do dia-a-dia) fragilizou o potencial de procura da exposição. Para ter as portas abertas ao público durante o fim-de-semana, foi-me transmitido que teriam de ser remuneradas horas extraordinárias aos responsáveis do espaço. Inicialmente, foi algo que me deixou reticente, sem compreender inicialmente se a remuneração ficaria ao meu encargo, ou a cargo do município responsável. Sendo que o projeto não teve qualquer tipo de apoio ou retorno financeiro decidi avançar com a ideia low-cost e manter as portas abertas durante os dias úteis. Mesmo à velocidade de cruzeiro e com a bondade de muitas pessoas foi possível receber e reunir um simpático contingente de público ao longo dos dias.

1.2 - Acessibilidade

A acessibilidade do local é um fator a ter em atenção: apesar de Queluz – Belas ter uma estação ferroviária, o comboio não passa pela Vila de Belas e fazer a deslocação a pé em linha contínua a partir da estação de Queluz ao longo de 3 km demora cerca de 30 a 40 minutos; mesmo existindo um terminal com paragens de autocarros este meio de transporte não é o mais procurado por potenciais visitantes. De automóvel, e partir de Lisboa, são cerca de 20 minutos (sem trânsito). Considero ser fundamental estudar bem as acessibilidades para este tipo de locais e iniciativas por forma a aproximarmos o melhor possível das pessoas da comunidade e não só. Alcançar pessoas fora do

território onde esta intervenção teve lugar é uma mais-valia para o trabalho desenvolvido.

1.3 - Divulgação

Outra fragilidade a considerar refere-se à divulgação da exposição “Apego Longo”. Esta foi feita, maioritariamente, através das plataformas digitais do Espaço Comunitário Pendão em Movimento, da Associação *The One Zion* e do departamento de comunicação da União de Freguesias de Queluz e Belas, nomeadamente através das plataformas digitais, mais concretamente o *Instagram*, onde se encontra o grande público dos novos media e sobretudo a juventude.

Partilhámos assim o cartaz da exposição com as informações necessárias e a programação disponível durante a mesma. Foram também colocados cartazes em formato A3, mas, por escassos recursos financeiros, não foi possível desenvolver *flyers* e distribuí-los, como estratégia de aproximação à comunidade da freguesia. Ainda foi feita uma tentativa de comunicado de imprensa para divulgação da exposição, e o que se tem desenvolvido na freguesia em prol das artes e da cultura, mas sem sucesso. Foram feitos contatos com as escolas do Agrupamento de Queluz – Belas para tentar mobilizar turmas de alunos a visitar a exposição, mas, porque as datas da exposição estavam tão próximas do final do ano letivo, tal não se tornou possível.

Ainda assim, considero que, tendo em conta estas fragilidades e lacunas, reflexo de um certo amadorismo na estruturação do projeto, a mobilização foi surpreendente e foi muito gratificante ver diversas pessoas a contactar com o espaço da exposição e a fazer parte da mesma, entre as quais, realço a visita de um grupo de pessoas do C.E.C.D - Centro de Educação para o Cidadão com Deficiência.

1.4 - Direitos de Autor

Por fim, os direitos de autor também surgiram como obstáculo na apresentação de alguns dos objetos pesquisados, nomeadamente no que se refere aos registos de vídeo e músicas de diferentes autores, referidos anteriormente. Isto porque inicialmente foi pensado em transmitir os registos de diferentes vídeos e músicas ao longo das instalações da exposição.

A intenção era possibilitar que estes objetos artísticos estivessem a ser transmitidos, em formato de janela e em simultâneo, ideia que partiu de uma obra da artista iraniana Shirin Neshat intitulada de *Turbulent* (1998), com a qual que tive contacto no Museu Coleção Berardo, em 2018 numa exposição temporária “*Quel Amour!?*”. Trata-se de uma instalação na qual o espectador se vê obrigado a escolher um lado, porque a instalação requer duas projeções opostas, não sendo possível observá-las ao mesmo tempo; o participante deve decidir para onde deve direccionar a sua atenção após fazer o reconhecimento ao entrar na sala de exibição, na qual os dois *performers* se “enfrentam”.

Para a exposição “Apego Longo”, e a partir de 4 vídeos recolhidos ao longo da pesquisa, foi equacionada, com o apoio de Fábio Oliveira, uma montagem e projeção “em janela”. As projeções, em simultâneo, seguiam uma narrativa e obrigavam assim o espectador a escolher que partes queriam acompanhar.

No entanto, não foi possível ter esta projeção disponível no espaço. Devido a não conseguir obter em tempo útil as autorizações dos autores de cada vídeo foi-me negada a possibilidade de projectar estes elementos na exposição. Numa listagem feita das referências de cada objeto em questão, a Sociedade Portuguesa de Autores – SPA e o Instituto do Cinema e do AudioVisual – ICA nunca chegaram a responder aos e-mails e chamadas telefónicas para verificar se estes autores estavam registados nas instituições, por forma a projetar estes elementos. Esta ideia ficou sem efeito, mas considero que há males que vêm por bem, porque apesar desta intervenção na exposição ter ficado fora dos planos foi uma parte muito importante para construir a ideia base do projeto.

A mesma situação aconteceu com as canções/temas musicais, mas, neste caso, foi contornada a impossibilidade de as músicas poderem ser escutadas ao vivo ou como som de ambiente. A criação de um *QR Code* disponível no espaço permitiu que os espectadores e participantes acessem a uma hiperligação para uma *Playlist* na plataforma *Youtube*, onde se encontravam os artistas musicais recolhidos durante a pesquisa. Esta playlist intitulada de “Apego Longo Pela Música”, reunia 18 canções de diferentes vertentes e sonoridades musicais com ligação ao território de Queluz – Belas.

Considero assim que estes pontos menos positivos que foram ocorrendo durante a exposição são ensinamentos adquiridos e situações que devem ser previstas na

estruturação de futuros projetos. Ainda assim, julgo que estes momentos também são importantes para utilizar a criatividade e colmatar as dificuldades encontradas, crescer enquanto profissional, e fortalecer as iniciativas e actividades artísticas e culturais num futuro próximo.

2. Pontos positivos e enriquecedores (Participantes, diversidade cultural e artística, e a conquista de espaço no território)

De seguida apresento pontos positivos que considero terem sido alcançados através desta iniciativa cultural. Os participantes que aceitaram o desafio e contribuíram para a exequibilidade deste projeto foram cruciais.

A bondade dos artistas e a compreensão dos mesmos acerca da índole e os objetivos do projeto tornaram possível dinamizar o território, com uma proposta de atividade pouco vista no local em questão e, por sua vez, contribuir para enriquecimento cultural da comunidade. Proporcionou-se assim a oportunidade de trabalhar com um conjunto de pessoas a remar para o mesmo lado. Considero que sem as suas participações e respetivas obras a exposição não seria concretizável, nem viável pensar na continuidade do projeto. Acredito e sublinho uma vez mais que os artistas presentes na exposição fizeram história, mas são uma pequena amostra do que ainda há por descobrir ou por ser criado por tantos outros da freguesia e não só.

A diversidade cultural que se encontrou e viveu no espaço de exposição foi especial. A participação dos artistas e respetivas obras transmitiram aos espetadores valores fundamentais tais como: importância de existirem oportunidades para artistas emergentes independentemente da sua faixa etária, sublinhar a representatividade de minorias étnicas e de pessoas invisíveis aos olhos da sociedade (o que é do meu ponto de vista uma urgência nos dias que correm), a igualdade de géneros para combater o machismo que se vive no meio, e a democracia cultural em que todos têm direito à fruição e criação artística. A programação paralela à exposição, nomeadamente, as conversas realizadas ao longo da segunda semana de exposição fortaleceram estes assuntos. No caso em particular da conversa e apresentação da manta comunitária com o “Grupo de Seniores em Movimento”, cruzaram-se idades mais avançadas com a realidade dos jovens nos dias de hoje. Compreender certos pontos de vista de pessoas

com mais anos de vida e consequentemente mais vivências e saberes foi muito enriquecedor. Também a visualização de um dos episódios do documentário “Uma Vida Só Não Chega”, em torno do bairro do Pendão em Queluz – Belas, com a presença do autor, António Brito Guterres, e um dos participantes, Fábio Évora, foi uma enorme honra. A conversa que se desenrolou após a projeção do episódio permitiu desmistificar preconceitos em torno dos habitantes da periferia de Lisboa, a importância de pensar numa construção harmoniosa da cidade ao invés de desalinhada e somente com base no interesse das empresas e autarquias vigentes, e acima de tudo como os artistas destas áreas pautam a vida cultural e artística que se vive e consome de norte e sul do país, mas não encontrando oportunidades nos seus locais de origem. Também foi gratificante a presença da Doutora Paula Alves, Presidente da União de Freguesias de Queluz e Belas e da Doutora Ana Pacheco, Vogal da Juventude da União Freguesias de Queluz e Belas, na inauguração e encerramento da exposição.

Termos conseguido alcançar a oportunidade de realizar um projeto artístico na freguesia de Queluz – Belas com o apoio da mesma foi um feito que infelizmente em alguns locais não é possível. Muitas vezes por falta de visão, interesse, as dúvidas que persistem em torno das capacidades dos jovens, ou a falta de valorização sobre o que existe no território. Considero que possa ter sido um marco importante para o que surgirá num futuro próximo e no fortalecimento do trabalho desenvolvido no Espaço Comunitário Pendão em Movimento, onde se encontram muitos jovens a desenvolver diversos projetos em diferentes áreas. Foi fundamental estabelecer uma ligação de confiança com a freguesia, mas acima de tudo com a comunidade, para abrir mais caminhos, continuar a trabalhar e melhorar neste sentido.

Também foi um enorme privilégio que a exposição tenha sido dos primeiros eventos desenvolvidos no Edifício Multiusos Cultural de Belas. Um espaço que abriu em Fevereiro de 2022 e, em Maio do mesmo ano, a exposição “Apego Longo”, tomou conta do local durante duas semanas. Considero um enorme feito tendo em conta o curto espaço-tempo que houve para reunir dos recursos materiais e humanos necessários para a concretização da ideia, a responsabilidade de apresentar algo assim que até então não tinha sido feito neste contexto e as oportunidades que se criaram para todos nós. No momento da visita técnica, na montagem da intervenção e nos primeiros dias de exposição o espaço ainda cheirava a obras recentes, mas da ocupação do mesmo e no que se experienciou resultou uma enorme alegria por no final já ter desaparecido aquele

cheiro característico a obras. Significa que houve movimento, houve entradas e saídas, e foi um local de encontro, onde se cruzaram saberes e vivências que não ficaram indiferentes ao local.

3. Outros aspetos

Durante a exposição, para contrariar as limitações em colocar músicas ao vivo devido aos direitos de autor, foi criada a *playlist* “Apego Longo pela Música”, onde os espectadores encontravam 19 faixas de diferentes artistas musicais com ligação ao território de Queluz – Belas. Mediante o código *QR Code* apresentado na imagem era possível auscultar diferentes propostas, contribuir voluntariamente com outras faixas musicais para expandir a *playlist*, e conhecer e compreender aspetos sociais vividos no território através da música.



Fig. 12 - Imagem exemplificativa do *QR Code*, onde os visitantes da exposição encontravam a *playlist* “Apego Longo pela Música”

Noutra plataforma digital intitulada de *SoundCloud*, foi idealizada a possibilidade de encontrarem disponíveis as conversas gravadas com os participantes ao longo da segunda semana da exposição em formato de *Podcast*. Sendo que algumas conversas têm uma duração de quase 50 minutos, torna-se necessário ter acesso ao serviço Premium que permite aos utilizadores terem mais espaço de *Upload* para que se possam ouvir todos estes áudios na íntegra, pelo que é algo que ainda se encontra em desenvolvimento.

4. Metodologias de recolha e tratamento de informação:

Objectivo	Dados a recolher	Recolha	Instrumento	Parceiros	Aplicação	Tratamento
<p>Caracterização do contexto sociocultural;</p> <p>Levantamento artístico da freguesia de Queluz – Belas;</p> <p>Trabalhar com artistas emergentes com ligação da freguesia ou com ligação à mesma;</p> <p>Concretizar uma amostra/Exposição na freguesia com os elementos reunidos.</p>	<p>Espaços e iniciativas culturais existentes;</p> <p>Sinergias;</p> <p>Artistas emergentes;</p> <p>Partilha de vivências dos participantes do local;</p> <p>Virtudes e infelicidades a melhorar na comunidade;</p> <p>Elementos que caracterizem o contexto sociocultural.</p>	<p>Internet</p> <p>Artigos, Websites e plataformas digitais,</p> <p>Habitantes da comunidade;</p> <p>Observação directa participante;</p> <p>Auscultação;</p> <p>Entrevistas não estruturadas;</p> <p>Análise Documental.</p>	<p>Referências bibliográficas;</p> <p>Computador;</p> <p>Telemóvel como gravador de áudio e Máquina fotográfica (com autorização prévia).</p> <p>Guião de entrevista.</p>	<p>Câmara Municipal de Sintra;</p> <p>União das Freguesias de Queluz e Belas;</p> <p>(autorizações e equipamentos necessários);</p> <p>Participantes da iniciativa;</p> <p>Artistas;</p> <p>Empresas Locais;</p> <p>Parceiros (Associação Pendão em Movimento e outros projectos comunitários);</p>	<p>Final do mês de Abril e início de Maio;</p> <p>-</p> <p><u>4 a 16 de Maio em dias úteis foi o que se sucedeu.</u></p>	<p>Análise de Conteúdo;</p> <p>Análise Qualitativa.</p>

Fig. 13 – Tabela de metodologias de recolha e tratamento de informações

CAPÍTULO IV

1. Plano de Conteúdos

1.1 Organizações culturais – a sua importância para o desenvolvimento de actividades artísticas e culturais

As **organizações culturais**, de acordo com autor Miguel Honrado na publicação “Democratização e Organizações Culturais: Crónica de uma (Nova) Vida Anunciada”, são projetos infraestruturais surgidos nos anos 90 e assentes na ideia de serem replicados um pouco por todo o país, independentemente do contexto, da escala ou da realidade socioeconómica. A euforia de que este processo se revestiu ao longo de toda a década teve, obviamente, repercussões diretas na forma de como as próprias organizações percecionavam a captação de públicos. As organizações culturais simbolizam igualmente um passo qualitativo importante na emergência de uma nova oferta cultural holística ou multidisciplinar. A extensão e a diversidade de tal oferta exigiram um novo esforço das organizações no sentido de lhe dar visibilidade e notoriedade, lutando frequentemente contra o tempo “curto” da difusão posicionando-se em função da diversidade e da especificidade dos setores de público aos quais se dirigiam.

As organizações culturais, são entidades associadas à cultura e ao interesse dos públicos com finalidades educativas, ou culturais e são entidades que contribuem na formação de uma cidadania ativa e construção de uma identidade. Entende-se por entidades culturais e artísticas os sujeitos coletivos que desenvolvem atividade no campo cultural e artístico, incluindo estruturas diversificadas quanto aos domínios (dos mais clássicos aos mais emergentes) e às funções (criação, produção, difusão, formação e entre outras). "Os espaços culturais devem ser vividos e incorporados na experiência da população local como espaços sociais, para tal têm de ser espaços vivos que inspiram um entendimento comum do lugar, que funcionem como elementos unificadores e ajudem a forjar uma identificação “. (Centeno, 2009). Também é necessário abraçar a diversidade e incluir por exemplo projetos de minorias étnicas, ou de género.

Em território nacional é possível perceber que as Organizações Culturais distinguem-se por três sectores.

- O **sector público** – Em termos de funções desempenhadas por este leque de organismos, ressalta a centralidade da função de conservação nos institutos responsáveis pelas áreas do património, arquivos e bibliotecas. Já no caso dos teatros nacionais e outras organizações artísticas (orquestra, companhia de bailado), a criação e a produção representam funções estruturantes da atividade.
- O **sector privado** – aqui estarão sobretudo em causa factores ligados às lógicas de mercado, procurando com as suas ações aumentar e alargar a procura cultural para a oferta que proporcionam, enquanto que, para as entidades do Sector Público, constituirão uma prioridade os objetivos ligados à democratização cultural e ao acesso à cultura por parte das populações. Acresce ainda que o progressivo investimento dos serviços das administrações públicas em ações pedagógicas poderá fomentar o aparecimento destas estruturas.
- Temos ainda o caso do **sector público empresarial** que pode ter como ‘entidade mãe’ o Estado, mas apresentam fundamentalmente uma organização e uma gestão empresarial, seguindo uma filosofia que se aproxima bastante das organizações privadas. Como exemplo temos a OPART, uma empresa pública nacional do sector privado que faz a gestão pública do Teatro Nacional de São Carlos.
- Por fim, o **terceiro sector** – Associações, fundações e cooperativas - é, em princípio, composto de entidades que apresentam objetivos e áreas de atividades, e as seguintes características: têm existência formal e institucionalizada; contam entre os recursos humanos, com uma parcela significativa de voluntários; não têm como prioridade a maximização do lucro; e funcionam de modo autónomo em relação ao Estado.

Considero fundamental esta contextualização em jeito de glossário acerca dos diferentes sectores das organizações culturais, porque as principais entidades que apoiaram o projeto se aproximam das definições de alguns sectores em questão.

- Primeiramente, o Espaço Comunitário Pendão em Movimento, não sendo uma associação oficializada, nem tendo o único foco a área cultural e artística trata-se de um espaço comunitário, onde trabalham diversas organizações/grupos locais que encontram neste espaço um suporte para intervir em prol da comunidade da Freguesia de Queluz – Belas. Considero que o Espaço Comunitário Pendão em

Movimento envolve sobretudo, o terceiro sector da esfera das organizações culturais. Contando com o apoio fundamental da Fundação Aga Khan que de acordo com o *website* da fundação é uma agência internacional, sem fins lucrativos e que abordam os desafios do desenvolvimento em todo o ciclo de vida humano desde o desenvolvimento na idade mais juvenil até aos mais seniores. O Espaço Comunitário Pendão em Movimento corresponde às características do terceiro sector, não tendo existência formal e institucionalizada, não tendo como prioridade a maximização do lucro e funcionando de modo autónomo em relação ao Estado.

- Outro exemplo associado ao Espaço Comunitário Pendão em Movimento e que se enquadra no terceiro sector é a Associação *The One Zion*, um dos parceiros da exposição. Uma vez mais, trata-se de uma entidade em que o foco central não é somente a área cultural e artística, mas que desenvolve muitas iniciativas neste sentido. Uma associação que nasce através do trabalho desenvolvido no Espaço Comunitário Pendão em Movimento e também com jovens da comunidade do Bairro do Pendão, na freguesia de Queluz – Belas. A Associação *The One Zion* corresponde às seguintes características do terceiro sector: tem existência formal e institucionalizada; não tem como prioridade a maximização do lucro; e funciona de modo autónomo em relação ao Estado. Conta, entre os recursos humanos, com uma parcela significativa de voluntários.
- Para a concretização do projeto foi imprescindível o contacto com a autarquia vigente na freguesia de Queluz – Belas. Foi através da mesma que obtive a autorização devida e o espaço físico para desenvolver a intervenção no Edifício Multiusos Cultural de Belas com a mediação da autarquia na freguesia de Queluz – Belas que estabeleceu contacto com a Câmara Municipal de Sintra, porque é a Câmara Municipal de Sintra que detém grande parte dos equipamentos culturais na freguesia em questão. Considero assim a Câmara Municipal de Sintra enquadrar-se no primeiro sector. O sector público. Não se trata de uma organização cultural, mas considero que desempenha funções semelhantes. Existe por exemplo um papel fundamental de conservação nos institutos responsáveis pelas áreas do património, arquivos e bibliotecas do município. Considero que no concelho de Sintra também são os principais promotores de diferentes actividades e iniciativas de interesse dos públicos com

finalidades educativas, ou culturais e que contribuem na formação e desenvolvimento de uma cidadania activa.

2. O papel de um mediador artístico e programador cultural

O programador cultural ao longo da história sofreu diversas transformações e a sua origem é tanto ou quanto incerta. Ter esta profissão não era uma missão, mas sim uma consequência. Um cargo que ao longo dos tempos continua a ser ocupado pela diversificação de profissionais da cultura tais como encenadores, produtores entre outros, mas que estão aptos para exercer o ato de programar. Chegar até este cargo pode ser através de convite, uma questão de necessidade, de passagem de testemunho ou também de forma independente, quando não se conseguem financiamentos ou espaços para criar uma programação. Não existe uma formação a nível superior especificamente dedicada à programação cultural.

Os programadores culturais têm percursos académicos, *backgrounds* variados, sendo muitas vezes oriundos do próprio campo artístico e talvez seja esse o factor chave para um agente eclético e *connoisseur*. Entretanto, o que mudou foi a valorização deste cargo em instituições culturais. Um processo no qual foi necessário compreender a sua função, quais os conhecimentos fundamentais para assumir o papel de programador, e a importância da sua presença. O surgimento de instituições e projectos culturais tais como CCB, Culturgest, Lisboa 94 e Expo 98 fomentaram a necessidade de novos profissionais na área artística e cultural. Existem inúmeras intervenções, técnicas, e progressos que ilustram o trabalho desenvolvido por estes profissionais. Um trabalho indispensável em prol da sociedade para além do meio da arte e cultura. É uma função que envolve um enorme poder de comunicar com o público e aproximar o mesmo através do ato de programar. Este ato não se trata somente de escolher quem, quando e organizar uma agenda. Existe um estudo prévio, a criação de uma linha narrativa e uma fundamentação nas opções tomadas. Compete assim ao agente assegurar uma programação inclusiva, que apresente relevância artística e respeite as necessidades de um determinado território. Mas também uma boa gestão do calendário de apresentações e da sua consistência.

Segundo a Cláudia Madeira, a programação é, indiscutivelmente, uma metáfora de poder. Sustentado por Pierre Bordieu que retrata um poder igualmente simbólico de “fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e deste modo a ação sobre o mundo”. Este poder executado adequadamente emana harmonia, ritmo e respiração com grande impacto na comunidade local em questão. Consequentemente, são desenvolvidos outros elementos fundamentais num mundo mergulhado na modernidade: fortalecimento e reinvenção de uma identidade. De acordo com a escritora Patrícia Portela “A programação é um ato de reflexão sobre o mundo e sobre a atualidade”. Em suma, considero que é imprescindível o trabalho dos programadores culturais que promovem a construção colaborativa de uma identidade, de uma cultura, de espaços para partilha de experiências e de diálogo entre agentes, público e território.

“ (...) Podemos dizer que dentro de cada criador há um programador”, Cláudia Madeira.

Sendo que fui eu o responsável pela premissa deste projeto, pela seleção dos artistas e objetos artísticos apresentados considero inevitável não abordar o papel de um mediador artístico, que é a minha formação base e do papel do programador cultural na sociedade e nas organizações culturais. A minha análise acerca deste tópico tem como referência um artigo do Jornal Público do segmento “ípsilon” com o título “Programador cultural: imagens e miragens de uma profissão”, escrito por Paulo Pires a 12 de Junho de 2020. Segue-se uma análise deste artigo em paralelo com o trabalho desenvolvido na exposição.

O autor começa por referir que a palavra “mediação”, é a ideia – chave que poderia sintetizar a função de programador cultural. Trata-se de uma função de “intermediação e facilitação que cruza as esferas culturais, social, estético - criativa, comunicacional, económica e política, e que se opera a dois níveis: como passaporte entre os campos da produção artística e da receção cultural (os públicos) e como influenciador (pela argumentação - persuasão) entre a comunidade artística e o meio político/o poder (...)”. Na minha ótica, um programador cultural constrói pontes entre as propostas artísticas e o público, mas para que isso aconteça tem de criar e reunir as condições necessárias para o efeito. Como Paulo Pires refere, trata-se de uma função que cruza diversas áreas que à primeira vista podem não ser perceptíveis. No caso do

projeto que desenvolvi não foi só uma amostra de artistas e objetos artísticos com ligação à freguesia de Queluz – Belas; o projeto também teve um papel social e comunicacional, confrontando os visitantes/público com práticas culturais e artísticas, e consequentemente, aproximar e estimular a comunidade em questão. A nível político acredito que tocou em alguns pontos por exemplo através do contacto com a União de Freguesias de Queluz e Belas na apresentação da proposta de projeto, no apoio como parceiros e na divulgação e cobertura feita pela mesma e na autorização devida da Câmara Municipal de Sintra.

“ (...) No fundo, o desiderato maior é que a programação evidencie uma lógica interna própria, adote uma escuta ativa e seja comprometida com o território e a comunidade, permitindo articulações fortes e a construção de possibilidades de interpretação e conhecimento por parte do seus destinatários, contribua para o fortalecimento (e reinvenção) de uma identidade, se revele implicada com o seu tempo sem descurar a memória, atinja patamares estimulantes de relevância e qualidade, fomenta a criação de novos públicos e a consolidação dos já habituais (...)”

Este excerto do artigo de Paulo Pires assinala a importância de uma escuta ativa sobre o território e do quão fundamental é esta etapa para o desenvolvimento de projetos, independentemente da sua área de ação. Desde cedo, na minha formação, seja na licenciatura seja no mestrado foram-me inculcidas estas etapas de auscultação do território e de passar mais tempo no terreno do que ao computador. Assim sendo coloquei ao máximo em prática estes ensinamentos no desenvolvimento do meu projeto final através minha vivência na freguesia, da apresentação da iniciativa aos parceiros, ao grupo comunitário existente no Espaço Comunitário Pendão em Movimento, fazendo diversas pesquisas sobre equipamentos culturais, artistas da freguesia com ligação à mesma e conversar sobre as ideias-base do projeto, estando presente em todos os momentos do mesmo e de ouvir as considerações sejam elas positivas ou menos positivas dos visitantes da exposição. De acordo com o autor, um projeto que “contribua para o fortalecimento (e reinvenção) de uma identidade”. Sendo que a cidade de Queluz e a vila de Belas têm uma carga bastante histórica que remontam a diversos séculos atrás também quisemos contribuir para esse feito. Não é pelo facto de serem locais com grande importância de antecedentes históricos que não possamos contribuir e continuar a escrever novas páginas e fortalecer a identidade que não é só da freguesia, mas do município e também do país.

“(…) As observações críticas que vêm a lume acerca da legitimidade do programador e das suas opções estéticas estão relacionadas, em regra, com duas dimensões: o impacto da sua ação, “medido” na maioria das vezes pela (maior ou menor) adesão de públicos à oferta cultural apresentada (…)”.

No caso da exposição o número de visitantes não foi abismal tendo em conta as fragilidades e lacunas já apresentadas anteriormente no documento, mas creio que não condicionou de nenhuma forma a legitimidade da iniciativa, nem os seus objectivos. Infelizmente, é uma realidade de que muitas vezes os números são mais valorizados do que propriamente as ideias, o propósito e o trabalho das propostas artísticas e culturais apresentadas.

“(…) O erro mais frequente consiste na equação entre o dever de serviço público e a estatística de espectadores/utilizadores alcançados. Persiste ainda nos dias que correm uma tendência muito generalizada para, no seio das instituições públicas e junto da classe política, contabilizar o sucesso dos seus investimentos na Cultura em termos de número de utentes (…)”.

Considero, que por vezes um número mais reduzido de participantes, independentemente, do projeto pode ser até bastante proveitoso. Podem existir menos distrações, mais espaço para momentos de partilha e esclarecimento de dúvidas. Acredito que os elementos a que somos sujeitos podem ser absorvidos de forma mais harmoniosa, ponderada e com outro olhar do que num local, onde a preocupação, em tom de provocação são os registos fotográficos de multidões para serem publicados nas plataformas digitais.

“(…) Uma oferta cultural pode ser intocável do ponto de vista artístico e depois disso não se traduzir na adesão de público, o que, não sendo de todo grave, não deverá deixar de desencadear uma necessária reflexão interna em termos de estratégia (aqui também com especial ênfase nas vertentes da mediação e comunicação, fulcrais para a eficácia e o impacto da programação) e de eventual necessidade de correcção e ajuste das políticas programáticas (…)”.

Considero esta passagem igualmente pertinente, porque são nos pontos menos positivos que aprendemos, repensamos em estratégias e ideias para colmatar as fragilidade e lacunas da estrutura de cada projeto. No caso da exposição, a

acessibilidade, divulgação, e horários são elementos que eu assinali anteriormente no documento que têm de ser mais consolidados e estruturadas para não comprometerem a exequibilidade do projeto.

“(…) Considero essencial que o responsável pela programação artística não caia em tentações de autocentramento e subjetivação excessivos, e, sobretudo – isto sem descuidar a identidade, a diferenciação e a coerência da sua intervenção –, não perca a capacidade de relativizar o seu lugar, de se questionar e de se colocar fora de si, de olhar à volta, vestindo a pele de espectador invertido (…):”

Por fim, considero que ainda tenho de ter isto ainda mais presente no meu futuro e aprimorar decisões e estratégias, mas como o autor refere e passo a citar “Recorde-se ainda que o tempo é um grande escultor (Marguerite Yourcenar) nesta profissão e que os resultados de uma programação só surgem – fruto de criatividade, experiência acumulada e resiliência – ao fim de um período médio de cinco/seis anos, após testes iniciais, ajustes e correções nas políticas, e conseqüente criação de fluxos constantes de público (…).” No entanto, no desenvolvimento da programação e seleção de artistas não houve qualquer tipo de favoritismos, alguma espécie nepotismo ou de círculo fechado. Foi inevitável não recorrer a participantes que já tinha em vista há algum tempo e que considerei poder ser interessante envolvê-los na iniciativa por forma a promover os seus trabalhos, criar oportunidades para artistas emergentes, e abriremos caminho para gerações vindouras. Considero que se trata de um projeto que tem condições para continuar a desenvolver-se no território desejavelmente contando cada vez com mais participantes da freguesia (e não só). É importante envolver entidades e participantes de outros locais para que haja ainda mais partilha de saberes e vivências, de fortalecer iniciativas deste carácter que podem ser relevantes para o desenvolvimento social e económico, e continuar a marcar a história artística e cultural da freguesia.

3.Fruição Cultural

3.1 Consumo Cultural e Acessibilidade

O século XXI, como conhecemos trouxe grandes avanços tecnológicos a cada viragem do ano. No consumo da área artística e cultural foi bastante acentuado. Os novos *media* e a implosão da internet mudaram radicalmente os hábitos culturais. O acesso cada vez mais facilitado a uma enorme diversificação de informações através de

meios tecnológicos, transformou o grande público em espectadores menos pacientes e ávidos de mais conteúdo.

Tomámos por garantidas a eficácia, a portabilidade e a veracidade que estes novos instrumentos oferecem, quando na verdade existem outros meios de cultivo mais enriquecedores. De acordo com o professor José Capela e director artístico da “Mala Voadora” a área do teatro durante séculos foi um fenómeno de massas e já teve bastante peso no entretenimento e na vida das populações. Hoje em dia, por exemplo este fenómeno já não se verifica. Grande parte da população considera algo ultrapassado, e não se coloca a hipótese de ir ao teatro com mais assiduidade.

Num cômputo geral, a tecnologia impulsionou grandes inovações na área artística e cultural, mas também se considera que foi castradora no consumo da mesma. Existem muitos exemplos que ilustram o afastamento e um certo desinteresse que paira, sobretudo, no público mais juvenil, em relação a iniciativas culturais e métodos mais convencionais de escutar música ou de viajar através da leitura. Considero que uma das grandes razões é a facilidade que encontramos cada vez mais em diversas plataformas digitais de contactar com tudo o que pretendemos, em segundos, sem grande esforço.

Uma das grandes frustrações da área cultural é perceber qual a equação necessária para aproximar e formar cada vez mais o público. Existem modelos de gestão cultural tais como a democratização cultural, com base na fruição e acessibilidade à cultura independentemente da condição social ou económica; e a democracia cultural que cinge o aspecto de Participação de todos na definição de cultura, a participação de todos na produção cultural e a igualdade de oportunidades na produção cultural.

Elisabete Paiva, diretora artística do festival “Materiais Diversos”, considera que há muitas formas de escutar, mas não existem equipas preparadas para o fazer. São mecanismos mais informais que podem ser imprescindíveis para exequibilidade de um projeto. Para além do público, realça a importância de conversar com os artistas e compreender como foram acolhidos e as suas propostas foram abraçadas. Ouvir as equipas presentes no desenvolvimento do projeto e os parceiros e apoios que são pilares de muitas iniciativas culturais.

A auscultação do território pode ser um fator chave na aproximação de públicos. O grande foco é conhecer e compreender quem está inserido num determinado território. Através da auscultação é possível criar ligações e laços de confiança com

quem foi alcançado. O contacto presencial no terreno serve para descobrir propostas, expectativas, anseios relativamente à programação das instituições e é primordial na valorização das pessoas do local.

Segundo a Madalena Wallenstein, programadora e coordenadora da Fábrica das Artes do CCB, é necessário libertar a infância do seu “confinamento”. Sobretudo, tratar os públicos mais jovens de igual forma. É fundamental existir seriedade em torno da programação infantil e não assumir que se trata apenas de entretenimento vazio. Através destas práticas culturais estamos a formar pessoas, a incutir valores essenciais e que os mesmos se tornem agentes culturais daí em diante.

Por fim, o fomentar de ideias e o espírito de inclusão que as artes proporcionam terá sempre lugar na sociedade. Contrariando a leitura redutora e deturpada da realidade cultural que ainda existe. É necessário continuar a demonstrar que a arte é uma ferramenta de progresso social. Acima de tudo que assegure o fortalecimento e reinvenção de uma identidade, e que tenha consciência da importância da inclusão e representatividade. Considerando um mundo mergulhado na modernidade, é fundamental que a programação dos espaços culturais acompanhe o ritmo, com propostas de qualidade e relevância artística. De acordo com António Pinto Ribeiro, existe uma certa mediania do que é apresentado em Portugal. “Nada positivo, baixa-nos as expectativas e o nível de exigência. Também nos afasta de uma produção mais atlante e inovadora”.

4. Espectadores “Zapping”

O mar de informação a que estamos sujeitos, diariamente, mudou os nossos comportamentos. Algo que se foi intensificando ao longo dos anos. Tornámo-nos em espectadores *zapping* e ansiosos por mais. “Os grandes públicos revelam menos empatia por obras com temáticas mais existenciais, e menos óbvias”, segundo António Pinto Ribeiro. São comportamentos têm lugar sobretudo nas camadas mais jovens. Para além das novas tecnologias, que influenciaram o globo inteiro, é necessário compreender que a hierarquização da cultura, a desertificação do interior, os estigmas e barreiras em torno das instituições culturais que são fatores, entre tantos outros, que contribuem para o afastamento e adormecimento no grande público.

Considero que alguma incompreensão da linguagem utilizada pelas instituições e agentes culturais pode ser motivo para a insuficiente aproximação e presença das camadas jovens em apresentações e no consumo artístico das mesmas. Isto porque a exposição que desenvolvi proporcionou-me estar envolvido noutras iniciativas ligadas ao associativismo que colocam os jovens em contacto a outro tipo de propostas artísticas tais como: idas ao Museu de Artes de Sintra, ou à mais recente exposição “Interferências” no Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia; *workshops* com a presença de diferentes artistas que guiam e possibilitam aos participantes a trabalharem com novos materiais e técnicas; ou encontros de partilha acerca de diversos assuntos ligados à comunidade. Considero necessário que os espaços culturais continuem a desenvolver projectos com base na representatividade e inclusão. Na minha ótica muitos jovens, principalmente, dos arredores das grandes cidades, fruto de uma sociedade multicultural não se sentem “acolhidos” e envolvidos como participantes na criação e usufruto artístico.

Na minha leitura, os procedimentos utilizados para a análise e desenvolvimento de públicos têm de ter uma enorme capacidade para se reinventarem e adaptarem aos locais, onde estão inseridos. A escritora Patrícia Portela e ex-diretora artística do Teatro Viriato, considera que a arte não é coisa estanque. Deve estar em constante questionamento e mutação. Assim sendo é necessário desarrumar casas, quebrar estigmas, barreiras e não responder a necessidades com preconceitos. Possibilitar aos mais jovens o contato com práticas artísticas aumenta a propensão de serem consumidores no futuro. Pensarmos que ao sermos participantes ativos em propostas artísticas estamos a contribuir para a criação e desenvolvimento da cultura, porque há “quem pensa que a atividade cultural se limita ao património herdado, e não àquele que pode ser criado”, Cláudia Madeira.

Poderá ainda residir na questão financeira, a escassa presença de públicos juvenis, na vida cultural dos locais. Considero que as pessoas consomem mais assertivamente o que conhecem e gostam desse conforto, e quando arriscam, normalmente, a área cultural é rara hipótese. A elasticidade do preço da procura levanta diversas questões. Existem políticas em vigor neste sentido e que evidenciam a importância da acessibilidade dos espectadores. Noutros casos verifica-se pouca flexibilidade nos valores dos bilhetes e que são procurados por públicos mais

específicos. No entanto, de acordo com a docente Susana Graça, a gratuidade não garante procura. Não pagar, não assegura que as iniciativas culturais recebam grandes enchentes de público, nem que seja esse o caminho mais viável. Não é líquida a questão.

5. Artistas Emergentes

Contudo, de acordo com Cláudia Madeira, “Hoje, a única cultura com alguns traços de espontaneidade provém de grupos minoritários étnicos, urbanos ou suburbanos”. Normalmente, são jovens variados que movimentam o meio cultural sem se aperceberem. Não vivem numa bolha de um “sistema cultural assente no livro e cânone”. São subculturas desvalorizadas, que são vistas à margem da lei e julgadas por serem apenas constituídas por pessoas sem formação. A realidade que hoje em dia se vive é que subculturas são predominantes na sociedade. Os países mais avançados valorizam bastante as suas sociedades multiculturais e as expressões artísticas que provêm das mesmas apoiando a integração dos jovens e adultos na sociedade através de práticas artísticas mais informais, e sem a necessidade de existência de conhecimentos específicos.

São fenómenos intensificados com as plataformas digitais. Hoje em dia temos subculturas, como o *Hip-Hop*, que dominam quase por completo a indústria musical e do espetáculo, sem necessitarem numa primeira fase de editoras e agentes. Só necessitam de fazer *upload* dos seus projectos *on-line* e muitos atingem grandes dimensões conseguindo alcançar números bastante expressivos e começar a partir daí a trabalhar no seu percurso artístico.

Em Portugal, as centenas de milhares de visualizações que artistas emergentes, ou mais reconhecidos alcançam e tudo o que isso acarreta, remete-me para o conceito de “consumo conspícuo”. Dar nas vistas, ou “ter para mostrar” é como este conceito económico é desenvolvido. Creio que os mais jovens procuram por vezes na expressão artística uma forma de conseguir milhares de visualizações em plataformas digitais e reconhecimento imediato. Na obra de Wassily Kandinsky “Do Espiritual na Arte e na Pintura em Particular”, o autor refere e passo a citar “O artista busca a recompensa material para a sua habilidade, poder inventivo e sua sensibilidade. Seu objetivo

consiste em satisfazer sua ambição e sua cupidez. Em vez de um trabalho em comum que os aproximaria, é uma rivalidade que se estabelece entre artistas ávidos de bens materiais. Queixam-se de um excesso de concorrência e superprodução que ela acarreta”. Contudo, também existem nomes sonantes, na área da cultura *Hip-Hop*.

Por conseguinte, houve o aumento da procura e oferta destes fenómenos. As indústrias culturais e criativas abarcam um conjunto de atividades que têm em comum a utilização da criatividade, do conhecimento cultural e da propriedade intelectual como recursos para produzir bens e serviços com significado social e cultural. Posto isto, o mercado está sempre atento, e tem estruturas preparadas para as mais variadas abordagens de projetos. Os grandes produtores de espetáculos das artes performativas, da música, do cinema, entre outras formas de arte reconheceram o potencial das subculturas. Aperceberam-se do avanço que existiu e a equação necessária para atrair jovens. Basta, escolher e promover os grandes nomes do *mainstream* do panorama atual e colocá-los nos grandes palcos para que seja garantido a “casa cheia” de grande público. No entanto, é necessário despertar outros sentidos através da arte. Não alimentar o público somente com propostas de entretenimento mastigado e passar um bom bocado de espírito vazio, segundo Madalena Wallenstein.

A área artística e cultural está em constante mutação. Existe espaço para todos e e haverá sempre algo para acrescentar e reinventar. Têm de continuar a existir apoios, oportunidades, e espaços, cada vez mais inclusivos e abrangentes para se desenvolverem novas criações e alcançar outros progressos. Não podemos ignorar as novas abordagens nas mais variadas expressões artísticas, porque é essencial que se criem novos mundos e se apliquem diferentes técnicas. Devemos valorizar o património existente e o que criamos diariamente. Não necessitamos de ser artistas conceituados para pertencermos ao meio cultural e contribuirmos para o fortalecimento da identidade do país.

CONCLUSÃO

Ao longo deste documento foi possível descrever todo o processo para o desenvolvimento da exposição “Apego Longo”. Considero que os objetivos gerais do projeto foram cumpridos e que até excederam o expectável. Destaco a dinâmica criada de participação e envolvimento da comunidade de Queluz – Belas, nomeadamente de artistas jovens. A mobilização de pessoas com diferentes faixas etárias também foi fundamental para todos terem oportunidade de estar em contato com outras propostas artísticas menos comuns. Também foi fundamental a participação de cada um dos participantes na apresentação dos seus objetos artísticos e a participação de espectadores ativos com as suas considerações e críticas partilhadas no círculo de conversas criado durante a exposição. Esta dinâmica de participação e envolvimento de pessoas da comunidade foi pertinente, mas com pontos a melhorar de forma a alcançar e formar ainda mais público e agentes culturais em futuras iniciativas.

Nesta minha primeira grande experiência em contar com o apoio de associações e autarquias compreendi que, por mais força de vontade e destreza que existam, é importante envolver outras pessoas no projeto, que nos auxiliem e ajudem a concretizar ideias. Caso este trabalho não fosse feito em conjunto com as entidades referidas ao longo do documento creio que dificilmente chegaria a concretizar a exposição. Desde os parceiros aos artistas houve uma enorme disponibilidade e espírito de entajuda para fazer acontecer e vontade de continuarmos a trabalhar no futuro.

Realço a importância de respeitar cada etapa na estruturação e desenvolvimento um projeto. Há momentos em que é necessário ser persistente e não dar um passo maior que a perna. Acredito que, neste caso, conhecer bem o território, ter a oportunidade de apresentar a ideia do projeto em diferentes momentos no Espaço Comunitário do Pendão em Movimento, e receber *feedback* de pessoas da comunidade, foi imprescindível para a compreensão da iniciativa e suscitar o interesse pela mesma.

Concluo que a nível pessoal foi bastante enriquecedor conhecer pessoas com diferentes *backgrounds* que colaboraram no projeto e trabalham diariamente por uma comunidade mais representativa, diversificada e ativa. A oportunidade de coletar estes elementos são ferramentas práticas e cognitivas que levo para o meu futuro como agente cultural e cidadão. Acredito e quero continuar a trabalhar para que isto tenha sido só o começo da minha atividade profissional nesta área de intervenção.

REFERÊNCIAS

- Consultado em 14/06/2022 <https://www.akdn.org/pt/onde-estamos/europa/portugal>
- Consultado em 14/06/2022 <https://www.eas.pt/associacao-the-one-zion-encontra-se-coordenadora-de-projeto-de-inclusao-de-migrantes/>
- Consultado em 14/06/2022 <https://candidaturas.bairrossaudaveis.gov.pt/candidatura/index.htm?pp=1;n=307>
- Consultado em 14/06/2022 <https://cm-sintra.pt/institucional/camara-municipal>
- W. J. Baumol; W. G. Bowen “On the Performing Arts: The Anatomy of Their Economic Problems”
- Centeno, M.J. (2012) As Organizações Culturais e o Espaço Público. A experiência da rede nacional de Teatros e Cineteatros. Coleção Caminhos do Conhecimento. Lisboa: Ed. Colibri.
- RTP Ensina (2016) “A censura chega à imprensa”, Consultado em Julho 10, 2021, em <https://ensina.rtp.pt/artigo/a-censura-chega-a-imprensa/>
- Jornal Económico (2017) “Portugal em 1986: um país por fazer”, António Freitas de Sousa. Consultado em Julho 10, 2021, em <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/portugal-em-1986-um-pais-por-fazer-137903>
- República Portuguesa “Indústrias Culturais e Criativas” Consultado em Julho 13, 2021, em <https://www.dgae.gov.pt/servicos/politica-empresarial/setores-industriais/industrias-culturais-e-criativas.aspx>
- Pedro Costa. (2015). Políticas Culturais para o Desenvolvimento. ARTEMREDE
- A política cultural em Portugal na entrada do novo século, Maria João Anastácio Centeno, 2009;
- António Pinto Ribeiro. (s.d.). “Ser Feliz é imoral?”, Cotovia.
- Cláudia Madeira. (2002). “Novos Notáveis”. Celta Editora.
- Jacques Rancière. (2022). O espectador emancipado. Orfeu Negro.
- Art19 (2020) SHIRIN NESHAT. Consultado em Dezembro 26, 2020, em <https://www.art-19.com/shirin-neshat>